UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOSÉ FERREIRA DE LIMA NETO

O FAZER ARTÍSTICO DE LEONARDO BASTIÃO: UM POETA ILETRADO DO SERTÃO DO PAJEÚ (2008-2025)

Campina Grande - PB
2026

José Ferreira de Lima Neto

O FAZER ARTÍSTICO DE LEONARDO BASTIÃO: UM POETA ILETRADO DO SERTÃO DO PAJEÚ (2008-2025)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador(a): Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima
Coorientador(a): Profa. Dra Avohanne Isabelle Costa de Araújo

Campina Grande – PB
2026

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

L732f Lima Neto, José Ferreira de.
O fazer artístico de Leonardo Bastião : um poeta iletrado do Sertão do Pajeú (2008-2025) / José Ferreira de Lima Neto. – 2026.
76 f. : il. color.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2026.
"Orientação: Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima, Profa. Dra. Avohanne Isabelle Costa de Araújo".
Referências.

1. Alves, Leonardo Pereira, 1944- . 2. Poesia Popular Brasileira. 3. História Cultural. 4. Cultura Sertaneja. 5. Ensino de Literatura. 6. Obra - *Minha Herança de Matuto.* I. Lima, Marinalva Vilar de. II. Araújo, Avohanne Isabelle Costa de. III. Título.

UFCG/PB CDU 82.09(043.3)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA MEIRE EMANUELA DA SILVA MELO CRB-15/568

José Ferreira de Lima Neto

O FAZER ARTÍSTICO DE LEONARDO BASTIÃO: UM POETA ILETRADO DO SERTÃO DO PAJEÚ (2008-2025)

Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima

Orientadora e Presidente da banca

Profa. Dra. Avohanne Isabelle Costa de Araújo

PPGH/UFCG

Coorientadora

Profa Dra. Juciene Ricarte Cardoso

PPGH/UFCG

Examinador interno

Prof. Dr. Silvio César Lopes da Silva

UEPB

Examinador externo

Campina Grande – PB
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 19h00 do dia 31 de março de 2026, no auditório do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, ocorreu a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado do(a) discente **José Ferreira de Lima Neto**, intitulada "O fazer artístico de Leonardo Bastião: Um poeta iletrado do Sertão do Pajeú (2008-2025)". Após a apresentação, a Banca Examinadora, composta pelos(as) professores(as) doutores(as) Marinalva Vilar de Lima - Orientador(a), Avohanne Isabelle Costa de Araújo – Co-orientadora, Juciene Ricarte Cardoso - Examinador(a) Interno(a) e Sílvio César Lopes da Silva - Examinador(a) Externo(a), realizou as arguições. Em seguida, reuniu-se para a deliberação e decidiu atribuir a(o) candidato(a) o conceito "aprovado". Assinam a presente ata, para os devidos efeitos legais, o Secretário do PPGH, Yaggo Fernando Xavier de Aquino, e a Coordenadora do PPGH, Juciene Ricarte Cardoso.

Parecer: inicialmente, a banca reconhece que o texto é original e traz a possibilidade de trabalhar com fontes inéditas. Recomenda que dê continuidade as suas pesquisas e que reescreva as considerações finais. Fazer uma revisão final das questões gramaticais e de normas da ABNT.

Lista de Presença

Orientador(a)	Marinalva Vilar de Lima	PPGH/UFCG	
Co-orientador(a)	Avohanne Isabelle Costa de Araújo	PPGH/UFCG	Avohanne Isabelle Costa de Araújo
Examinador(a) Interno(a) e Coordenadora	Juciene Ricarte Cardoso	PPGH/UFCG	Juciene Ricarte Cardoso
Examinador(a) Externo(a)	Silvio César Lopes da Silva	UEPB	Silvio César Lopes da Silva
Secretário	Yaggo Fernando X. de Aquino	PPGH/UFCG	

Campina Grande, 31 de março de 2026.

AGRADECIMENTOS

Dá licença Academia
Pra meu estudo passar
Porque trazer um poeta
De origem popular
Quebrando grande tabu
O filho do Pajeú
Ninguém queria aceitar.

Essa pesquisa ela traz
Alento para o sertão
Pois pesquisar poesia
Aqui não é fácil não
Concluindo essa etapa
Me desviando de "tapa"
Entrego a dissertação.

Agradecer eu queria
A minha orientadora
Pela sua paciência
Foi mãe e foi protetora
Me desviou do perigo
Mostrou o melhor abrigo
Como incentivadora.

Não posso esquecer aqui
O bom poeta analisa
Porque deu muito trabalho
E o texto se concretiza
Eu já lutei um bocado
E a CAPES muito obrigado
Por ter pagado a pesquisa.

A poesia de ‘poetas iletrados’ é intensiva em emoção, paixão e compromisso com os Povos sitiados na Senzala social planetária. Conscientemente ou não, imaginam e criam sobre tudo que dá SENTIDO à trama da vida, e não ao que reproduz a LÓGICA do Modo de Vida Imperial das Elites da Casa Grande capitalista global.

José de Souza Silva

RESUMO

Esta dissertação verte olhares para a vida e obra de Leonardo Pereira Alves (Leonardo Bastião), e visa investigar a poética do autor com foco na obra *Minha Herança de Matuto (2018)*, a expressão crítica de seus versos bem como os modos de fazer e agir que o vate impõe em sua produção. No preâmbulo da pesquisa, há um momento propedêutico para percorrer os meandros da poesia popular, adentrando pela sensibilidade poética, as heranças que o travador recebeu e as aproximações e distanciamentos entre a cultura erudita e a popular. Busca-se, ainda, na obra do poeta estudado, as sátiras, os versos fesceninos e os liames com o horizonte da divindade. O estudo parte dos pressupostos da História Cultural e adota uma abordagem analítica frente a poética do autor, entre diferentes regimes de historicidade, incluindo a literatura sertaneja, através da obra de autores como Costa, Ferreira, Menezes, Rabelo, Sobrinho e outros, procurando fundamentos na historiografia de Michel de Certeau, Roger Chartier e Peter Burke, análises alicerçadas nas vertentes antropológicas de Canclini. A pesquisa examina como a poesia descreve o cotidiano de maneira tão crítica e sensível, operando como uma ferramenta de cunho educacional. Por intermédio da análise histórica e poética, demonstra-se que a obra de Bastião denota a sabedoria sertaneja através da impressão dos seus versos. O trabalho aponta que a dimensão pedagógica em torno da obra pode e deve ser utilizada nos manuais escolares, tanto do município de Itapetim quanto do estado de Pernambuco.

Palavras-chave: Leonardo Bastião; poesia popular; fazer artístico; Pajeú.

ABSTRACT

This dissertation turns its attention to the life and work of Leonardo Pereira Alves (Leonardo Bastião) and aims to investigate the author's poetics, focusing on the work *Minha Herança de Matuto* (2018), the critical expression of his verses, as well as the ways of creating and acting that the poet imposes upon his production. In the preamble of the research, there is a propedeutic moment devoted to exploring the intricacies of popular poetry, delving into poetic sensibility, the inheritances received by the troubadour, and the convergences and divergences between erudite and popular culture. Furthermore, the study seeks, within the poet's work, the presence of satire, fescennine verses, and connections with the horizon of divinity. The study is grounded in the assumptions of Cultural History and adopts an analytical approach toward the author's poetics across different regimes of historicity, including backlands literature, through the works of authors such as Costa, Ferreira, Menezes, Rabelo, Sobrinho, among others. It also draws theoretical support from the historiography of Michel de Certeau, Roger Chartier, and Peter Burke, as well as from anthropological perspectives developed by Néstor García Canclini. The research examines how poetry portrays everyday life in such a critical and sensitive manner, operating as a tool of educational significance. Through historical and poetic analysis, it is demonstrated that Bastião's work conveys the wisdom of the *sertão* through the imprint of his verses. The dissertation concludes that the pedagogical dimension surrounding the work can and should be incorporated into school textbooks, both in the municipality of Itapetim and throughout the state of Pernambuco.

Keywords: Leonardo Bastião; popular poetry; artistic practice; Pajeú.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Leonardo Bastião e os seus versos em Itapetim 14
Imagem 2 – Poeta Seu Dedezinho no Globo Rural.....16
Imagem 3 – Beco de Laura 18
Imagem 4 - Instituto Lourival Batista 23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 CAPÍTULO I - OS MEANDROS DA POESIA POPULAR 21
2.1 A SENSIBILIDADE POÉTICA 36
2.2 A HERANÇA DE MATUTO 44
3. CAPÍTULO II - O CARÁTER POPULAR DA POESIA DE BASTIÃO 50
4. CAPÍTULO III - OS LAÇOS COM A RELIGIOSIDADE E AS SÁTIRAS EM SUA OBRA 61
4.1 DEUS É POETA, COMO O DIVINO SE REVELA NA OBRA DE BASTIÃO? 63
4.2 COMO A NATUREZA SE REVELA EM SUA OBRA? 70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 76
REFERÊNCIAS 78

1 INTRODUÇÃO

A poesia é um elemento presente em nossas vidas, no nosso cotidiano, nas atividades laborais e nas nossas crenças. Em tudo é possível perceber a poesia, basta notar a sensibilidade e o belo em nosso entorno, as formas de expressão que nos transmitem emoções materializam a poesia expressa em nosso dia-a-dia. O célebre Ariano Suassuna (1927-2014) afirmou que os poetas são seres de grande conhecimento de mundo e ainda elencava os cordelistas e os repentistas como os príncipes da poesia popular. O autor sempre buscou na poesia a inspiração para compor suas obras; como prova disso temos sua obra magna, *O Auto da Compadecida,* cuja produção foi alicerçada nos folhetos de cordel.

Nas Escrituras Sagradas, como nos livros *Cânticos de Salomão* e *Salmos,* a poesia também está presente. Nas composições artísticas, no teatro, nas novelas e no cinema podemos observar influências e, consequentemente, sua presença. Esta é uma arte evidenciada nas variadas experiências cotidianas da existência humana.

Esta pesquisa investigará os modos de fazer poesia de um poeta específico, o pernambucano Leonardo Pereira Alves, mais conhecido por Leonardo Bastião, natural e residente da cidade de Itapetim, esta tida como o ventre imortal da poesia, que fica localizada na região do Pajeú das Flores, sertão do estado de Pernambuco. Propõe Costa (1994, p. 81) que "o fenômeno da poesia nos sertões está intimamente ligado ao desenvolvimento populacional. Foi a partir da miscigenação entre o branco, o índio e o negro que nasceram as grandes veias poéticas aqui encontradas."

Leonardo Bastião estará em destaque neste estudo com suas peculiaridades, inspirações, causas que defende, seu amor por suas raízes, bem como suas identidades e memórias, base que lhe serve alento para encarar os desafios cotidianos de forma serena. Defende Costa (1994, p. 81) que "em Itapetim toda pedra é uma poesia e todo mundo é poeta, e mais do que isto, Itapetim é o berço dos cantadores e repentistas do Sertão do Pajeú."

Na investigação proposta, o poeta pernambucano e sua poética serão analisados com o intuito de perceber suas peculiaridades e inspirações. Será dada ênfase para as causas que defende e o amor por suas raízes. Nas identidades e memórias da espacialidade em que vive está o alento para encarar os desafios cotidianos que nos possibilita acessar em suas poesias.

A partir da leitura da obra *Minha Herança de Matuto* (2018) o presente estudo dará destaque ao emaranhado histórico e literário da poética de Bastião, evidenciando elementos da memória e da poética popular. Feito isso, terá início a análise de algumas das estrofes do poeta. Compreendendo que o esquecimento pode representar um apagamento do fazer artístico do aedo, de tal forma considera-se relevante documentar a produção poética de Bastião.

O poeta supracitado nasceu no sítio Goiana, município de Itapetim[1], estado do Pernambuco, em 13 de março de 1944, filho de Luiz Pereira Filho e Maria Tereza de Jesus[2]. "Bastião" foi uma alcunha que lhe foi lavrada, pois "já era de família"; seu pai era Luizinho Bastião, então o filho herdou esse apelido e assim passou a ser identificado pela comunidade.

De raízes camponesas, sempre atuou na agricultura de subsistência. Foi casado com dona Alcina Guedes de Siqueira, com quem foi pai de Selma, Ivani e José, avô de seis netos e bisavô de oito bisnetos. Enaltecendo Barreto (2024), foi exatamente no roçado, junto à figura paterna, que Bastião desenvolveu suas primeiras rimas, datava no calendário 10 anos de idade. Foi aí que começou a versejar sua rotina de maneira natural e desinteressada. Não chegou a ser alfabetizado numa instituição escolar, todavia seus olhos, que nunca conseguiram decifrar as palavras de uma passagem oracional, decodificam o livro completo, emblemático e sedutor, da natureza que o permeia.

Sua obra está contida na antologia *Itapetim: ventre Imortal da Poesia* (2013), bem como nos livros: *Minha Herança de Matuto* (2018); *Entre o Literário e o Filosófico: Patativa do Assaré e Leonardo Bastião (2021); Leonardo Bastião Doutor em Poesia Popular (2024)* e no filme *Leonardo Bastião, O Poeta Analfabeto* (2018). As "sacadas" desse poeta encantam a todos que têm acesso à sua poesia, inspirado pelas águas do rio Pajeú[3], que traz consigo a influência da poesia popular nordestina.

Conforme ressalta José Alves Sobrinho (2009), é uma obrigação dos apologistas salvaguardar os saberes e fazeres dos mestres da poesia popular, pois muitos já não estão entre nós, e os que permanecem merecem nosso respeito e louvação. Foi desses guardiões da memória que recebi as mais preciosas lições de vida e arte.

A salvaguarda da memória do poeta foi, desde o princípio da presente pesquisa, um dos objetivos centrais. Para atingir esse interesse houve o entrelaçamento do limiar cultural aos emblemas do academicismo que, em nosso caso, traz a urdidura do horizonte histórico com o filosófico e ainda nuances da antropologia.

Outrossim, por ser de raízes caririzeiras, vivi a meninice no Sítio Batalha, município de Livramento, cidade esta que faz fronteira com o estado de Pernambuco, tendo em sua vizinhança imediata o munícipio de Itapetim-PE, numa distância de cerca de 32km. Esta proximidade favoreceu o contato com a poesia produzida lá. Portanto, ter tido, desde cedo,

---

[1]Palavra originária do tupi guarani que significa: pedra achatada branca. (Nota do autor).
[2] Informações acessadas a partir da obra: BASTIÃO, Leonardo. **Minha Herança de Matuto**. Itapetim: Halley, 2018.
[3] Pajeú é nome indígena, vem do dialeto cariri, pagéy, e quer dizer: rio feiticeiro. (Nota do autor).

proximidade com o ambiente de declamação, criação poética, saraus culturais influenciou em uma conjugação de interesses que me levou a tornar a poesia uma fonte enquanto pesquisador e, também, para a condição de poeta para a qual fui despertado.

José Ferreira de Lima Neto, conhecido pela chancela de Poeta Neto Ferreira, pois além de pesquisador exerço a atividade de poeta profissional. Desde a tenra idade fui fascinado pelos folhetos de cordel, sendo meu primeiro contato com a leitura feito através desse gênero, tendo em meu pai "Ferreirinha" (*in memoriam*) grande incentivador. Diria que ele esteve a adubar minha mente com os valores e essências da poesia popular, uma vez que escutava o rádio ao acordar, tirava leite da vaca ouvindo os cantadores de viola a se digladiarem em seus improvisos latentes. Influências essas que aguçaram a percepção da criança para a poesia, que trabalhou para aperfeiçoar os ensinamentos e a aptidão. Este é um exemplo concreto da presença cotidiana da poesia e de seus frutos evidentes.

No ensino fundamental e médio, já praticante do versejar, cheguei a publicar meus primeiros folhetos de cordel, participava de recitais e saraus poéticos na região e começava a me entrosar no cenário artístico e literário dos velhos cariris. Em 2016 parti para a cidade de Campina Grande, também na Paraíba, onde ingressei no curso de informática junto ao Instituto Federal da Paraíba (IFPB), depois cursei Fe História junto à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), fiz especializações em História Local e em Gestão e Produção Cultural. Formação que foi me alicerçando nos ideais almejados, aliando-se à salvaguarda das tradições populares das vivências.

A obra do poeta tratado na presente pesquisa despertou-me a curiosidade em 2019, a partir de seus vídeos publicados nas redes sociais. Teve início, então, a busca para constatar a poesia do vate pernambucano in loco; no começo, uma abordagem tímida, mas que foi se fortalecendo e tornou-se amizade; mais tarde esse laço foi edificado em livros. O primeiro deles foi*: Entre o Literário e o filosófico: Patativa do Assaré e Leonardo Bastião* (2021) e o segundo *Leonardo Bastião: Doutor em Poesia Popular* (2024).

Com relação ao espaço em que Bastião foi criado e permanece até hoje, este estudo também irá se deter ao Sertão do Pajeú, especificamente às cidades de Itapetim e São José do Egito, consideradas o eixo central da poesia popular, tanto pela grande quantidade de poetas e apologistas que lá se localizam bem como pelas expressões culturais que estão distribuídas em seu espaço geográfico:

> O município de Itapetim localiza-se ao norte do estado de Pernambuco e faz parte da microrregião homogênea meridional do pajeú, predominando o clima semiárido quente. O território municipal é drenado pela bacia do rio pajeú,

> sendo a sua sede às margens do rio Pajeú a 423km da capital, tendo uma altitude de 680 metros. [...] O município tem uma área de 216 km², o que corresponde a 0,2% da extensão territorial do estado e 6,19% da microrregião (Costa, 1994, p.27).

Com relação à temporalidade, foi feito um recorte da produção do poeta entre o ano de 2008 e 2025. O ano de 2008 foi escolhido como marco temporal inicial, tendo em vista que foi a partir desse ano que Leonardo Bastião passou a ser divulgado nas mídias sociais; e o ano de 2025 o epílogo que comunga com o fechamento do ciclo analítico dos matérias coletados.

As redes sociais exercem um papel fundamental na divulgação do fazer artístico do personagem aqui tratado. Através desses canais, o artista foi caindo no gosto do povo e alcançou outros nichos e sua poética chegou a outros estados e países. Fato esse que gerou curiosidade dos apologistas e muitos passaram a visitar Leonardo *in loco* para constatarem o que visualizavam nas plataformas digitais.

Embora o recorte temporal esteja traçado, a poesia de Bastião, e ele enquanto poeta, é um objeto novo no campo da pesquisa acadêmica. Pelo levantamento feito para dar vida a esta pesquisa, apenas Barreto (2024) se dedicou ao estudo da obra de Bastião, em dissertação de mestrado intitulada: *Leitura subjetiva e poesia popular contemporânea: a recepção da obra de Leonardo Bastião e Bráulio Bessa por alunos do 9° ano do Ensino Fundamental*. A pesquisadora em questão trouxe o autor aqui estudado para o cenário acadêmico, mas sob uma perspectiva completamente diferente da que é aqui ressaltada. Com exceção de Barreto, nenhum outro pesquisador, até então, voltou o olhar para a obra de Bastião, daí a relevância ligada à inovação da presente pesquisa.

Na cidade de Itapetim, a produção de identidades através da poesia é expressa nas ruas para que os visitantes apreciem essa cultura local. Prova viva disso é Leonardo Bastião que já vem alcançando destaque em sua cidade e tem sua produção estampada em alguns dos espaços da cidade, vejamos:

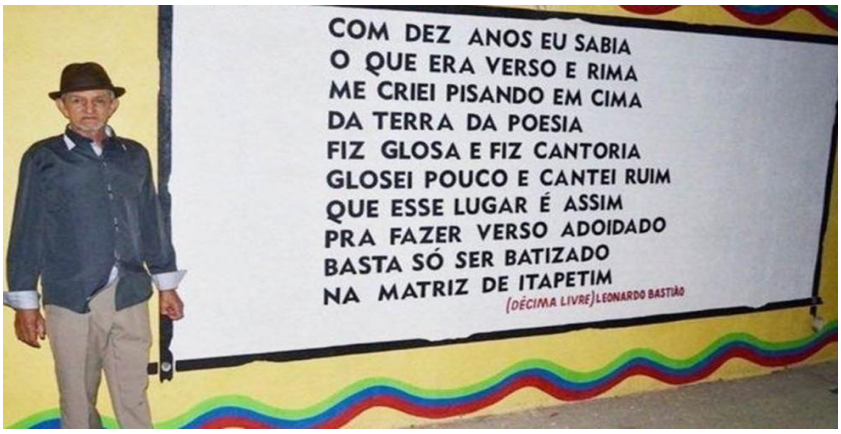


Imagem 1: Leonardo Bastião e seus versos em Itapetim, em 2024. **Fonte**: Jefferson Sousa

Na imagem em destaque observamos Bastião com uma de suas estrofes estampando um prédio público de sua cidade, trazendo assim a identidade do poeta expressa em sua poesia, o que permite que os visitantes e transeuntes acessem a sua produção. A poesia no sertão do Pajeú, especificamente na cidade de Itapetim, é um eixo de produção de identidade. Para Cancline (2008), as culturas populares são essências que resistem a globalização, são reservas identitárias de tradições, que por vezes são sufocadas ou mal assumidas devido o fluxo intenso de informações.

A presença e evidência da poesia nos espaços materializam uma produção de identidade, sendo repassada de geração para geração, nascendo assim novos poetas que disseminam os valores locais. Em Itapetim é comum todos serem tratados pelo substantivo "poeta", visto que, mesmo aquele que não é poeta, tem vivência com as produções e certo entendimento do fazer poético. Talvez seja um vício de linguagem calcado no regionalismo. Entendendo pelas lentes de Cancline (2008, p. 197) "a revitalização de nacionalismos, regionalismos e etnicismos na última curva do século XX pretende reduzir o trabalho histórico da construção e readaptação incessante das identidades à simples exaltação de tradições locais".

Na região do Pajeú das Flores nasceram célebres poetas, a exemplo de Rogaciano Leite[4] (1920-1969). Leonardo Bastião nasceu em um contexto em que a poesia é vigente, suas vivências com o campo e seu contato direto com a fauna e flora sertaneja aguçaram a sua percepção. Se nasce ou se torna poeta? Eis a questão. Digamos que houve o desenvolvimento dessa habilidade por intermédio do convívio social entre os habitantes do seu lugarejo, que sempre destacaram a força da cultura na formatação educacional e existencial daqueles que lá nascem ou se deslocam. Em entrevista a Ferreira (2024), Leonardo destaca:

> Eu descobri que era poeta logo menino, meu pai era poeta ele fazia versos e até que inventava de cantar de viola, quer dizer pegar na viola que não sabia tocar nem nada. De menino mesmo eu comecei fazer versos pelos roçados, uns decorava contava os outros e saiu espalhando, eu fiz um bucado de versos de menino mesmo, mas como eu não sei escrever não tem nenhum. Quando foi com dez onze anos pai fez uma cantoria em casa e eu via como fazia versos e tudo, e eu gostava quando passava um cantador na estrada que lá era na beira da estrada, e eu dizia: eu tem vontade de ser um cantadô. Muitos primos meus, tios morreram e cantaram de viola, eu comecei fazer uns versos e eles foram decorando, ai tinham muitas cantorias aqui na região, tinham dias de ter três cantorias numa cidade que não é nem um quarto do que é agora, e nessas cantorias eu já bebia cana, eu com dez anos de idade, meu pai bebia e fez uma cantoria em casa e depois de meia noite deu cana os filho. Eu chegava nas cantorias e o povo me butava pra cantar um baiãozim e eu ia por ali fazendo uns versin e era chamado pra outro canto, tinha gente que gostava, fui levando

[4] Rogaciano Bezerra Leite foi poeta e jornalista brasileiro natural da cidade de Itapetim (nota do autor)

> a vida, não deu certo porque era um horror de gente cantando e não saia dinheiro, quando saia nós bebia, comprava a cana e nós ficava bebendo, o espaço de fazer um verso é muito curto e eu não tinha paciência de ficar sem tomar uma dose entre um verso e outro, ai saia tudo quanto não prestava eu não tava vendo ninguém mais lá (Ferreira, 2024, p.50).

É notório que o seu contato com a arte veio do berço, sendo seu pai o principal responsável por inseri-lo nesse contexto. A poesia, inicialmente, não era encarada como um trabalho para Leonardo Bastião. Vemos que era uma forma de divertimento, aliada às "farras" e bebedeiras. A cantoria de viola servia de mote para embalar as emoções dos poetas e apologistas presentes nos festins. Foi assim que ele começou a se entrosar com os meandros da cultura popular.

A poesia sempre foi muito valorizada na região do Pajeú, cidades como Itapetim e São José do Egito desenvolveram um turismo voltado para a poesia, sempre bem visitada por turistas, repórteres, estudiosos e cineastas de várias partes do Brasil e até mesmo do exterior. Fazer referência ao Pajeú das Flores, citar essas cidades é, consequentemente, elencar a poesia que emerge desses espaços.

Dada a proporção com que a poesia se manifesta na região, a Rede Globo de televisão, junto ao programa globo rural, colocou em destaque a cidade de Itapetim através da reportagem: *poesia popular acompanha agricultores que não aprenderam a ler nem escrever*. Em destaque aparece o poeta conhecido por "seu Dedezinho", analfabeto, que lê e interpreta o mundo através de sua poesia.



Imagem 02: Poeta Seu Dedezinho no Globo Rural, em 2025. Fonte: G1/Globo.

Seu Dedezinho, assim como Bastião, não teve acesso a escolaridade, mas buscou através da poesia alicerçar suas práticas orais na descrição do mundo que o cerca. Leonardo Bastião, Dedezinho e tantos outros poetas daquela região, reforçam a construção de uma identidade poética e cultural que emerge nos habitantes que ali residem. A poesia está presente nos bares, nas ruas, nos monumentos e nas relações sociais. De acordo com Costa (1994, p.80) "falar de Itapetim e não falar de poesia é o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa, esta é, sem via das dúvidas, a manifestação cultural que mais tem contribuído para divulgação de nossa terra e do sertão como um todo."

Uma das explicações encontradas para a forte influência da poesia na região do Pajeú foi a presença dos colonizadores, ou seja, dos portugueses que chegaram aqui através do Recife e se distribuíram pelos estados de Pernambuco e da Paraíba, com maior concentração no Pajeú e no Cariri, respectivamente. Isto verifica-se a partir de Costa (2007), e através desses meandros foram se perfazendo pequenas veredas; datava-se o final do século XVII, os primeiros tropeiros que cruzavam aquelas rotas formaram não apenas um lugar de paragem para as necessidades básicas, mas passaram a construir o comércio local por intermédio da prática do escambo, que no sertão de Pernambuco é comumente chamado de feira de trocas.

Os colonizadores traziam em sua bagagem social e cultural a poesia, essa arte foi então cultivada com muito afinco nessa região; as famílias ali existentes abraçaram de corpo e alma esses valores, sendo a poesia uma tradição oriunda dos trovadores medievais, que é passada de geração para geração, e sobrevive pela facilidade de falar o que está no coração do sertanejo.

> Foi a partir de seu desenvolvimento populacional, das correntes migratórias que para cá vieram, principalmente de outros municípios da Ribeira do Pajeú e do Vale do Rio do Peixe na Paraíba, grandes celeiros de poetas e repentistas, que herdamos nossa vocação pela poesia (Costa, 1984, p. 84).

Visto o que tem sido destacado, notamos as primeiras evidências de como se desenvolveu o fenômeno da poesia no Sertão do Pajeú: uma corrente forjada pelos valores da cultura popular edificou esse cenário, que hoje conta com um dos seus membros mais comprometidos com a propagação das estimas culturais locais.

A identidade cultural é estampada pelas ruas de São José do Egito, uma prova disso é o Beco de Laura, local de salvaguarda da memória dos poetas do Pajeú pernambucano. O Beco traz muito mais que estrofes em suas paredes, protege histórias e impede silenciamentos, sendo um espaço de relações de poder, através dos poetas que ali estão com seus pensamentos timbrados.

A gestão municipal de São José do Egito tem democratizado o espaço e feito a manutenção das estrofes, o que a torna uma exposição permanente, mas com um fluxo rotativo do conteúdo exposto, ou seja, sempre novos poetas serão evidenciados naqueles muros. Claro que essa apologia da classe política pela arte poética é alvo de interesses escusos, que usam a poesia como bandeira para as campanhas eleitorais, garantindo simpatia da população, estabelecendo um curral eleitoral nesse nicho, garantindo apreço social convertido em votos. A poesia deixa de ser, nesse cenário, um mero elemento estético e passa a ser uma identidade que possibilita a perpetuação do poder.

No Beco de Laura a poesia pulsa nas paredes, no chão e no olhar de cada pessoa que passa naquele lugar. O espaço é, sem dúvida alguma, o cartão postal de São José do Egito. Um espaço em que memórias são preservadas, identidades estão estampadas e inúmeros poetas estão em destaque para apreciação e vislumbre dos transeuntes.

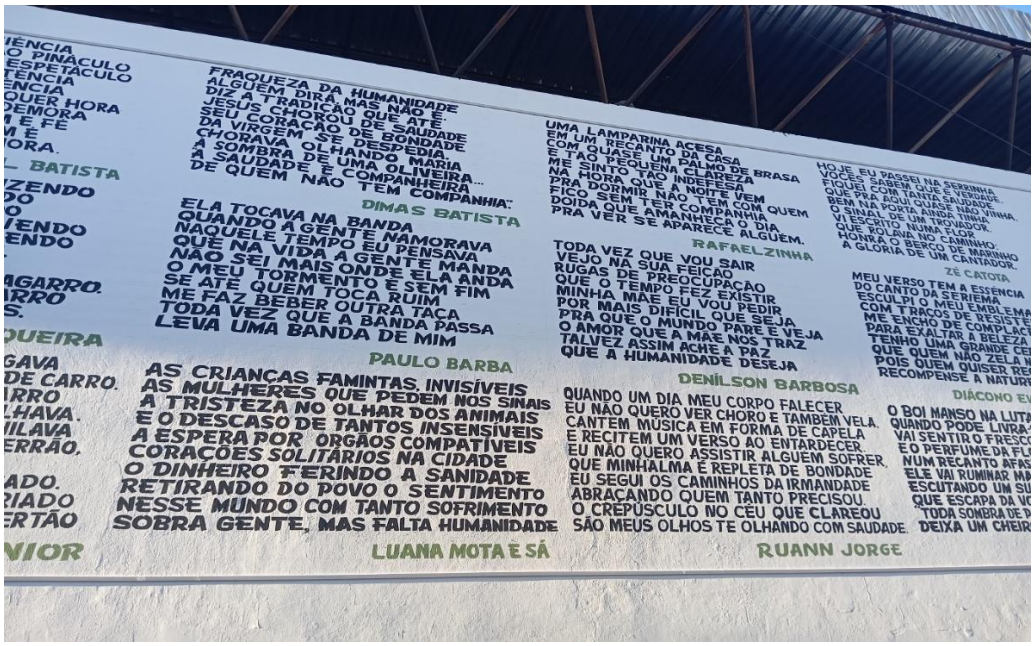


Imagem 3: Beco de Laura, São Jose do Egito, em 2025. **Fonte**: Arquivo pessoal.

Para justificar o problema de pesquisa deste estudo, se faz necessário levar em consideração as questões que envolvem o poeta aqui estudado, seu contexto social e suas influências. Deste modo, questiona-se: como um poeta iletrado do sertão do Pajeú consegue imprimir em seus versos as tradições, memórias e identidades do seu povo? Esta pesquisa se detém a analisar o fazer artístico de Leonardo Bastião, suas inspirações e os temas mais tratados pelo poeta. Como objetivo geral, o referido estudo se interessa por identificar como a poesia de Bastião reproduz a identidade cultural de sua região.

Como objetivos específicos, esta dissertação busca evidenciar o caráter popular da poesia de Bastião e como a região em que o poeta nasceu o influenciou. Também pontua como a relação com o Sagrado e sua percepção dessa esfera influenciam na construção de sua poesia. Por fim, diante da pesquisa realizada, constatou-se que a poesia do vate aqui estudado é um elemento educativo, pois ensina sobre suas tradições, preservando e salvaguardando os valores locais.

A obra de Leonardo Bastião é definida como fonte histórica dessa pesquisa, e o seu livro *Minha Herança de Matuto (2018)* figura entre as discussões aqui propostas. Foi feita uma revisão bibliográfica da trajetória do poeta e das principais temáticas abordadas, associando isso a história cultural, trazendo Michel de Certeau em sua obra *A invenção do cotidiano* (2014) e Peter Burke com a obra *Cultura popular na idade moderna* (2010), enquanto cotejamento para as análises aqui realizadas.

Também foi levada em consideração uma visão antropológica do estudo, calcada na perspectiva do antropólogo argentino Néstor García Canclini, que permitiu produzir a análise com atenção, também, para as esferas do consumo, reprodução e trabalho que a poética de Bastião representa para seu meio social. Da produção de Canclini foram usadas, como aporte teórico-metodológico, as obras: *Diferentes, desiguais e desconectado*s (2005); *Culturas Híbridas* (2000) e *Consumidores e cidadãos* (2006).

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo faz um apanhado sobre os meandros da poesia popular, com ênfase na sua concentração na região do Pajeú das Flores, principalmente nas cidades de Itapetim e São José do Egito. Esboça a sensibilidade poética contida nos versos de Leonardo Bastião e pauta a herança cultural que foi deixada para o poeta.

Já o segundo capítulo se dedica ao campo das distinções e aproximações entre o erudito e o popular, evidenciando o caráter popular da poesia aqui estudada. Este tópico faz referência às apreciações no tocante ao que vem ser erudito e o que se destaca enquanto popular. Nota-se, através das averiguações feitas, que em nossas práticas e representações cotidianas muitos elementos da cultura popular e erudita estão dialogando entre si.

O terceiro capítulo dá realce aos laços de religiosidade cultivados pelo poeta Bastião, bem como as sátiras tecidas contra alguns personagens bíblicos. Aqui, foram analisados determinados poemas que constatam como o autor faz escárnio de algumas “verdades” tidas como inquestionáveis para a sociedade. Há uma força que conduz o olhar do poeta para o aspecto religioso/espiritual, que é considerar o Divino que se revela, sobretudo, através da natureza.

Nesse sentido, serão apresentados os diálogos construídos entre a poesia popular e a história cultural, visando trabalhar com os conceitos fundamentais dessa perspectiva teórica que são subsidiários dos resultados atingidos. Assim, os conceitos de representação, sensibilidade, consumo, erudito e popular estarão evidenciados no decorrer do texto.

Como resultados da pesquisa, pretende-se esboçar a importância do fazer artístico de Leonardo Bastião e como as suas poesias exprimem a identidade cultural do seu lugar; poesia esta enquanto uma ferramenta para a manutenção e salvaguarda das tradições que permeiam sua gente. O elemento educativo da poética de Bastião ensina e propaga a preservação dos fazeres e saberes do seu nicho social, poesia esta que deve ser adotada e divulgada nos diversos âmbitos de seu território.

2 OS MEANDROS DA POESIA POPULAR

O célebre repentista José Alves Sobrinho (2003) destaca que a poesia popular se divide em três seguimentos: o tradicional, o oral e o escrito. Este estudo se detém ao que diz respeito às práticas orais da poesia popular, já que Bastião pertence a esse ciclo.

> Todo o interior nordestino viveu a época do pastoreio e as nossas primeiras narrativas em versos foram, com certeza, inspiradas nos animais devastadores de rebanhos, que nem as onças, como também os bois valentes e ariscos, os barbatões bravios e as proezas dos vaqueiros e dos cangaceiros. O ciclo oral é originário desse documentário que corria livre na boca do povo. Daí surgiram os primeiros cantadores a expressão máxima da poesia popular (Sobrinho, 2003, p.21).

A poesia popular agrega elementos do convívio social expressando as maneiras de fazer e agir dos populares; o autor, no caso o poeta que concebe este tipo de literatura, busca entrelaçar suas vivências ao que produz em sua escrita ou mesmo no âmbito da oralidade, tendo em vista que existem poetas que não tiveram acesso à escolarização, mas desenvolveram essa aptidão através da sociabilidade com seus pares que já dominavam essa técnica.

> Eu comecei trabalhar
> Com oito anos de idade
> Quem olhar pra minha mão
> Vê a minha faculdade
> Já me acostumei assim
> Riqueza também é ruim
> Faltando a felicidade (Costa; Passos, 2013, p. 506).

O desapego para com os bens materiais e a afeição ao trabalho tanto na agricultura quanto na poesia permeiam a labuta do segrel de Itapetim. O trovador esclarece que a riqueza financeira não se atrela a valores como a felicidade, mostrando-se resiliente em suas vivências. No entanto, o cidadão aqui estudado não acompanhou algumas das mudanças globais, mantendo-se arraigado a uma tradição que sofre transformações constantemente, conforme destaca Canclini (2006, p. 30) “vamos afastando-nos da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir”.

Ainda que, antropologicamente, tenhamos o aspecto do global como esteio para se entender as construções dos pertencimentos, estar em uma espacialidade como a que Leonardo Bastião habita, a partir das sociabilidades de que participa, é retornar a uma ambiência que destoa da dimensão da “aldeia global”.

O artista aqui tratado se recusa a afastar-se das lembranças de sua época de juventude; vive na contemporaneidade, porém preso ao passado. Mesmo assim, continua a traduzir suas dores, lamentos, angústias e alegrias através da arte. Tantos são outros os trabalhadores da poesia na região de origem de Bastião. Trabalhadores esses que aprenderam com seus antecessores e ensinam o labor da poesia para as gerações futuras. Assim, falar do Pajeú é remeter àquilo e àqueles que tonificam a região culturalmente: a poesia e os poetas.

> A par disso, trata-se de um tipo de poesia oral que, se tem a vantagem de não exigir formação intelectual para sua prática – um dos fatores, aliás, que a alcançam a elemento de união, e não de desagregação, em nosso sofrido meio social, concorrendo para sua popularização e perpetuação no tempo (Rabelo, 2014, p. 16).

A afirmação que precede nos traz o dimensionamento bem como a importância de perceber que as relações são engendradas a partir do respeito aos saberes aprendidos e repassados adiante. A poesia é uma praça, nela tem-se o ideal de liberdade vigente, para declamar e para escutar, nessa simbiose sempre aprendendo com o meio e propagando os valores dessa arte para as gerações vindouras.

O Pajeú pernambucano é uma região no sertão do Estado conhecida por sua opulência no que diz respeito à poesia popular. A quantidade de poetas e o amor por esta cultura é expresso através de inúmeras manifestações, como pinturas, portais, eventos e até mesmo a curricularização da poesia popular no âmbito escolar, tomando-a enquanto central para o fortalecimento da identidade local.

Dezessete municípios compõem a comarca do Pajeú das Flores, dos quais dois merecem destaque: São José do Egito e Itapetim. O primeiro foi instituído enquanto berço imortal da poesia, já para o segundo lhe foi lavrado o título de ventre imortal da poesia. Tanto o ventre como o berço da poesia comungam entre si as águas do rio Pajeú, parece até que quem bebe a água dessa fonte se "contamina" com o "vírus" da poesia. Sobre o rio Pajeú, Costa (2007, p.19) afirma que "em seu percurso, ele corta quase todos os municípios da região do sertão do Pajeú, a saber: Itapetim, São José do Egito, Tuparetama, Tabira, Iguaraci, Ingazeira, Afogados da Ingazeira, Carnaíba, Flores, Calumbi, Serra Talhada e Floresta"

São José do Egito e Itapetim, cidades que, administrativamente falando, já foram um território só, tendo em vista que Itapetim (até 1954) foi distrito de São José do Egito, sendo desmembrada e emancipada a partir dessa data, tornando-se efetivamente município. Para Costa (2007, p.191) "finalmente, Itapetim encontrava sua autonomia. Conquistava sua

maioridade, podia caminhar com seus próprios pés. Iria, de agora em diante, construir sua própria história".

Ambas as cidades têm uma população que, em sua maioria, nutrem amor pela poesia popular; cidades de muitos poetas. Itapetim tem como filho ilustre o grande poeta e jornalista Rogaciano Bezerra Leite, célebre autor do livro *Carne e Alma.* Já São José do Egito acolheu renomados repentistas, a exemplo da tríade de cantadores da estirpe Batista:Lourival, Dimas e Otacílio, também filhos legítimos de Itapetim, sendo esses alguns dos mais reconhecidos poetas populares do Brasil. Sustentados em Costa (1994, p. 96) "Lourival, Dimas e Otacílio (os irmãos Batista), nasceram no antigo povoado de Umburanas, hoje, cidade de Itapetim, filhos do casal Raimundo Joaquim Patriota e de D. Severina Batista Patriota, ele de Monteiro-PB e ela de Teixeira-PB."

A construção de uma identidade através de espaços memoriais é notória em São José do Egito, a exemplo do Instituto Lourival Batista – a casa do repente, que é uma instituição destinada a preservação da obra de Lourival Batista e a valorização de nossa cultura popular. A entidade foi inaugurada em seis de janeiro de dois mil e treze.

Na imagem a seguir há diversos turistas de fronte ao Instituto Lourival Batista, apreciando uma apresentação cultural. O instituto de Louro, como é popularmente conhecido, é um espaço museal, guardião da memória de um povo que reproduz a forte importância da identidade cultural da arte da poesia. A entidade é um espaço com visitação permanente para turistas, pesquisadores e curiosos, espaços como esse reforçam a importância de salvaguardar os nossos bens culturais.



Imagem 4: Instituto Lourival Batista, em 2025. **Fonte**: Instituto Lourival Batista.

O sentimento de pertencimento e a identidade com a cultura local são passados de geração para geração da forma mais autêntica possível. Como fruto das relações sociais das pessoas que vivem no sertão do Pajeú, a poesia está presente nas escolas, no dia a dia, nos bares e nas praças. A própria juventude se reúne para declamar e aprender poesia, atitude importantíssima para a manutenção e fortalecimento dessa arte.

É comum estar pelas ruas dos supracitados munícipios e encontrar poetas em reuniões pelos bares e lanchonetes, glosando, aboiando, contando causos de cantorias, tudo isso promovendo e soerguendo a cultura popular, mais do que nunca essas manifestações se encontram lembradas pelas gerações do ontem e do hoje e, possivelmente, no futuro também existirão poetas e apologistas divulgando esses valores.

Pelos caminhos da poesia popular na região do Pajeú das Flores, nos debruçamos sobre a sapiência de alguns dos habitantes destes locais, homens e mulheres que em sua caminhada existencial nutrem o sentimento de pertença pela poesia, sendo essa arte uma bússola, guiando assim o caminhar dessa gente pelas veredas sertanejas, dando alento e mostrando suas tradições bem como também a sensibilidade do mundo através das paisagens, fauna e flora que revestem nosso espaço. Isso nos leva a concordar com Ferreira (2017), segundo o qual

> A poesia abre espaço para compreensão do homem sobre si mesmo e para o mundo que o cerca. Amplia a dimensão sensível, entrelaçando-a ao universo do inteligível, aproxima o visível e o invisível, íntegra a alma (relativo ao sentimento) com o corpo; unifica a razão e o sentimento, educa os sentidos tornando-os mais sensíveis para os acontecimentos da sociedade e do mundo (Ferreira, 2017, p. 29).

Desse modo, advogamos que a poesia popular não pode ser vista como um mero passatempo apoiado em pilares estéticos para o divertimento e apreciação; a poesia oferece uma filosofia de vida, uma ética pessoal através da qual podemos aprender valores, agregar virtudes e ver o lado belo do mundo, mas também os desafios que a vida impõe, a arte é capaz de transformar vidas.

Através do resgate das tradições, o poeta apresenta o seu mundo para o expectador, que também pode ser captado e absorvido por quem o acessa, pois o encantamento é um dos principais valores de quem caminha pelos meandros da poética popular. Para Shelley (2008, p. 98) “a poesia sempre transmite todo o prazer que os homens são capazes de receber; é sempre, ainda, o raio da vida; a fonte de tudo o que é belo ou generoso ou real que pode haver em tempos ruins”.

Já para Rabelo (2014) é evidente que a poesia popular, chegada aqui nos picuás dos colonizadores, é uma arte que alcançou a evolução considerando a diversidade de modalidades

impressas pelos poetas. No entanto, essa manifestação conservou suas características quanto a forma e ao conteúdo do discurso. Leonardo Bastião acompanhou o desenvolvimento de sua sociedade, sem perder a sua função de comunicador, mantendo-se arraigado aos valores de outrora em meio a entrada e fortalecimento dos costumes do agora.

Pelas veredas do sertão do Pajeú pernambucano, se encontram embrenhadas a arte da poética popular. Sua paisagem, fauna e flora servem de seiva para o versejar dos poetas. O contexto geral dessa região inspira aqueles que residem ou mesmo quem visita. Esse é um contato preenchido pelo sensível. O meio que cerca residentes ou visitantes promove experiências visuais, táteis, olfativas, auditivas, degustativas.

O Pajeú pernambucano sendo uma espécie de Meca para os poetas e amantes da poesia popular, quem visita essa região se encanta e se aproxima do estado sensível que é revelado pela poesia, o Pajeú é mágico, é encantado, permeado de tradições e acima de tudo é acolhedor. Com relação a este setor, vejamos:

> O Pajeú que, na língua cariri significa rio feiticeiro nasce nos contrafortes da serra do Teixeira, no planalto da Borborema paraibana. Suas águas contaminadas pela verve dos primeiros poetas repentistas do sertão paraibano levaram a cantoria para as cidades do Pajeú pernambucano, contribuindo para a formação e o surgimento dos velhos bardos no Pajeú. O Rio do Feiticeiro, um tanto franzino, durante o seu caminhar (rio temporário) em terra pernambucana constituiu-se em uma legenda antropológica da poesia dos menestréis nordestinos. O vale do Pajeú, um tanto parnasiano, tem nas suas águas poéticas uma enchente perene, transbordante, nascida e perpetuada desde os primeiros vates do planalto da Borborema paraibana, até se encontrar com o grande Rio São Francisco. (Ferreira, 2018, p. 30)

A rica região do Pajeú pernambucano como já vimos deu origem a muitos poetas, aqui tratamos de um poeta em especial e de sua poesia que é destaque por sua notável expressão estética que vincula a sua arte com o meio social que o poeta convive.

Para Canclini (2000, p. 114) “alguns artistas oferecem formas mais discretas de falar sobre origens ou história”, não sendo o caso de Bastião, já que o seu discurso é público e a sua poética traz evidências claras, com riqueza de detalhes sobre as duras sentenças enfrentadas no percurso vital, na estrofe seguinte podemos notar isso:

> Nasci na periferia
> Me criei com feijão puro
> Passei noites no escuro
> Por que nem gás existia
> Quando amanhecia o dia
> Café, pão, nem um farelo
> Pai me dava era um martelo
> Pra eu acunhar enxada

E dessa vida atropelada
Eu só herdei o flagelo. (Costa; Passos, 2013, p. 506)

As condições para o existir na vida do autor sequer haviam, o enfretamento era pelo mínimo: saciar a fome, enquanto apenas o trabalho braçal lhe era oferecido. Considerando essas questões constatamos que os alicerces da oralidade do personagem aqui discutido são valorosos e se atrelam ao desenvolvimento da capacidade crítica de ler e interpretar o mundo, não podendo assim ser considerado analfabeto. Conseguindo sintetizar lindas paisagens em suas estrofes, consegue ver aquilo que não é percebido por muitos, é necessário ser poeta para ver o imperceptível, olhar a natureza que nos cerca e extrair dela fragmentos para colocar em sua arte.

Segundo Ferreira (2018, p. 101) "o comportamento dos vegetais e de outros animais funciona como um livro aberto, ensinando aos humanos como cuidar da terra e dos seres vivos que nela habitam". Disso é possível pensar o quanto a ligação entre o homem e a natureza pode trazer práticas que alimentem uma cultura do cuidado com o planeta, Leonardo tenta capacitar através de sua arte uma metaética, essa que é um ramo da filosofia que estuda a natureza da própria moralidade, dedicado a isso, o menestrel coloca em seus versos ensinamentos de como agir bem e viver bem no ecossistema.

A poesia é também exercício, trabalho, prática, aprendizado que não necessariamente se consegue na escola formal. Por isso a importância dos saberes compartilhados, do ambiente, das práticas sociais, a experiência adquirida por Bastião pela convivência no seu lugar e as trocas entre os indivíduos expostas em seu labor artístico. A compreensão de que há "lugares de saber" que estão fora das instituições educacionais.

Em nossa compreensão, a poesia anda de mãos dadas com a sensibilidade, essa que é desenvolvida a partir das vivências, do contato com o outro, das dores enfrentadas e superadas. Bastião faz de sua arte ferramenta de auxílio. Buscando inspiração nos acontecimentos, fatos, notícias, viagens, contatos e deslocamentos.

Gosto de pensar o poeta como um trabalhador do setor cultural, uma vez que ele vive em busca do novo para articular seus versos, sob esteio dos conhecimentos que leva consigo. Estar em constante atenção para aquilo que se renova e ressoa como interessante pode servir de contraponto a sua visão de mundo e, por fim, servir de "seiva" para seu poetar, mesmo que se mantenha ligado com as tradições que lhes fabrique pertencimento. Carrega consigo a missão de expressar as dores, as alegrias do mundo, os encantamentos, os apelos que dão sentido aos versos sob encomenda, buscando aceitação social através de sua atividade.

Vagando pelos meandros da poesia popular, podemos identificar que o poeta é, também, uma espécie de repórter ou mesmo mensageiro, ele que narra, que elucida, mas, que também impõe dúvidas. Nem sempre em sua poesia o vate traz esclarecimentos, pois cabe a esse indivíduo também questionar.

Segundo Certeau (2014, p. 130-131) "uma arte é um sistema de maneiras de fazer que são ajustadas a fins especiais e que são o produto ou de uma experiência tradicional comunicada pela educação ou da experiência pessoal do indivíduo". É através das maneiras de fazer que o poeta produz a sua arte, mas para fazê-las precisa de experiências de mundo para vislumbrar as possibilidades de criação.

O poeta pode ser compreendido como um trabalhador da cultura, sendo seu ofício manipular as palavras e salvaguardar as tradições que lhe permeiam. Bastião assume muito esse lugar. Retrata o que lhe cerca, o que lhe oprime e o que lhe causa descontentamento, atuando como um operário da cultura, cuja ferramenta de trabalho é a poesia.

Na imaginação do poeta as fronteiras da razão são superadas, ele tem um espírito quixotesco, sonhar e buscar o inimaginável estão atrelados ao seu labor criativo. O aedo consegue perpassar os limites da razão criando e recriando cenários, feitos e acontecimentos. Carregando assim consigo um misto de genialidade e ingenuidade, sensações essas que por diversas vezes fazem o vate não saber atribuir o valor que tem.

> A poesia em seu sentido comum, pode ser redefinida como 'a expressão da imaginação': e a poesia é inata a origem do homem. O homem é o instrumento sobre o qual uma série de impressões internas e externas é conduzida, como as alternações de um vento inconstante sobre uma lira eólica, que move com seu perambular a uma inconstante melodia (Shelley, 2008, p. 78).

Bastião nunca precisou cantar ao som da viola para se fazer cantador, não teve que glosar com perfeição para se afirmar ante os seus pares, não precisou saber ler ou escrever para elucidar como enxerga o mundo; sua postura é suficiente, a poesia é o seu ofício, como trabalhador desse ramo, sua arte é uma maneira de autoafirmação no mundo. Sua grandeza ou "pequenez", como queiram interpretar, está no fato de que não há busca pelo sucesso, pela publicidade, muito menos pelo dinheiro.

De acordo com Certeau (2014, p. 133) "noutras palavras, há histórias que fornecem às práticas cotidianas o escrínio de uma narratividade. Certamente, só descrevem alguns de seus fragmentos. São apenas metáforas delas." Enxergando o cotidiano e metaforizando a realidade através do simbolismo e proteção de emoções profundas, de tal maneira o poeta nos coloca

diante de um real modificado, aliás, acessado por outras lentes, todavia, posto diante do expectador para que ele faça seus próprios juízos de valor.

A natureza é um elemento central do convívio do poeta. Leonardo sempre teve uma relação muito forte com a terra, segundo Ferreira (2018, p. 119) "o homem do sertão é um ser profundamente envolvido com a terra. É desse local que ele tira o grande aprendizado de sua vida." A terra ensinou muito ao poeta, aliás ensina, Bastião que já desenvolveu atividades na agricultura de subsistência, já cultivou e plantou em busca da alimentação de sua família tirou daí grande aprendizado. A terra o ensinou e deu alento para o seu desenvolvimento, bem como, para o desenvolvimento de sua prole, como bem podemos constatar na estrofe seguinte:

> Fui vítima do sofrimento
> Que o fi de pobre se ferra
> Fui obrigado da terra
> Tirar meu próprio alimento
> A riqueza era um jumento
> E a casa era uma latada
> A escola era uma inxada
> E eu tenho a maior certeza
> Que a cancela da pobreza
> Foi quem fechou minha estrada. (Bastião, 2018, p.24)

Os versos de Bastião trazem ao leitor as condições de existência na pobreza rural, em que a terra precisa ser trabalhada em toda a sua aridez. A semelhança de Bastião com o mundo vivido é a inerência do sertão entrelaçado com todas as coisas existentes que compõe o imenso corpo sensível da natureza sertaneja. O poeta de Itapetim é um ser forte e concomitantemente resiliente com a própria terra que habita. O poeta em sua essência é constituído pelas suas experiências com o mundo vivido e apreendido.

A poesia é um elemento mediador entre a existência do trovador e sua relação com o mundo. A natureza afeta o poeta, que afetado se inspira, e assim produz suas estrofes que retratam o mundo experenciado. Conforme afirma Chartier (1988), olhar ou escutar o mundo se coadunam como uma atividade intelectual que permite dessa maneira a reapropriação, mas também o desvio, a desconfiança e consequentemente a resistência.

Assim, Leonardo percorre a vida tendo o desafio de se reinventar constantemente, de desenvolver seu trabalho sempre expressando suas identidades e retratando a sua visão de mundo através da oralidade. Como aponta Ferreira (2018, p. 34) "o sertão como espaço existencial e de experiências estéticas possibilita a criação de um conhecimento que se faz pela inerência entre homem, cultura, natureza e poesia.". Já para Shelley (2008, p. 88),

> um poeta é um rouxinol, que na escuridão se apruma para cantar e alegrar sua própria solidão com doces sons; seus ouvintes são como homens hipnotizados pela melodia

> de um músico invisível, que se sentem tocados e emocionados, ainda sem saber de onde ou por quê.

A arte tem o poder de sedução, não que ela aliene ou provoque fuga do mundo, mas ela encanta, e encantando nos traz valores, pertencimentos, identidades e memórias que retratam as tradições de determinado povo. O trabalhador da poesia é um ser que manipula a cultura para entrelaçar a natureza as suas práticas artísticas, unindo assim esses dois horizontes e nos mostrando um mundo encantado, o mundo da poesia popular, um mundo simples, porém rico e fascinante, pois a simplicidade nesse contexto traz consigo uma elaboração das nuances entre o sentido e o vivido que é revelado através das palavras. Nas cavernas do subconsciente o poeta se encontra confrontado com aquilo que sente, o sentimento acometido por vezes atormenta, precisando assim se esvair, ser revelado, e a revelação se dá justamente através de sua arte, é a poesia que alivia essas dores contidas em sua mente. Dores essas que a partir do momento que são sintetizadas em versos extraem o que estava contido no subconsciente e apresentam ao mundo o que antes estava velado, a poesia assim não reproduz o dizível, ela cria o dizível.

Canclini (2005, p. 211) observa que "propõe-se as novas gerações que se globalizem como trabalhadores e consumidores". Situação que exige dessas (novas gerações) a entrada na aldeia global que tem como pré-requisito o consumo. Esse fenômeno mascara as desigualdades e reproduz uma hibridização cultural. O personagem aqui dissertado caminha contra a corrente da lógica do consumo desenfreado de dados, já que vive isolado das tecnologias contemporâneas, o que lhe chega é através dos meios de comunicações convencionais a exemplo do rádio, podendo assim processar melhor as informações e filtrar esse conteúdo para desenvolver suas críticas sociais por intermédio de sua arte. A geração de *links* não tem essa maneira de tratamento de dados, visto que o fluxo é constante e voraz, não possibilitando a reflexão aos usuários dessas plataformas, a exemplo de: *facebook, instagram* e etc.

Mesmo que não esteja inserido nas plataformas de *streaming* de maneira direta, Bastião passou a ser povoado nesse meio pelos apologistas do seu fazer artístico, estando presente no *youtube, facebook, instagram e spotify*. A poesia tem esse poder de associar memórias coletivas, e o que era individual na mente do poeta, depois de divulgado passa a ser coletivo no imaginário do povo, nas vivências e na existência de quem acessa a arte poética.

A identidade poética de Bastião se imbrica ao meio em que vive, sua existência se entrelaça a esse contexto. O poeta faz de sua região habitat natural para suas produções, a fauna e a flora que o cercam são elementos presentes em sua arte. Entrelaçar o que sente, pensa e questiona ao seu contexto exige aptidões, talento e leitura do mundo em que vive. Inspirar-se

com a vegetação, enxergar no verde das plantações esperanças de dias melhores, perceber o voo dos pássaros, escutar a sutileza do cantar dos galos de campina, demonstra a sensibilidade e o encantamento com que enxerga o mundo.

> A expressão da flora e fauna, na natureza sertaneja, amplia a dimensão do sertanejo para um estágio de profunda alegria que transforma sua vida, muda o seu semblante e planta no coração da certeza a esperança de uma boa produção de alimentos e de encantos naturais (Ferreira, 2018, p. 114).

Leonardo Bastião, desde sua tenra idade, foi instruído a estabelecer uma relação de cumplicidade com a terra, então desenvolveu atividades na agricultura de subsistência, da caça e da pesca, buscando sempre maneiras de angariar recursos para suprir as necessidades familiares. Já que o trabalho poético não lhe possibilitava angariar nenhum recurso financeiro, a luta braçal era a única saída para obter o sustento de cada dia.

Para Canclini (2005), os desencantos que se acumulam não só geram ceticismo, mas edificam um mundo fragmentado e sem continuidade histórica. É contra essa perspectiva de desencanto que observamos que Bastião caminha. Apesar de ter "vingado" em um contexto difícil, o encantamento pela vida é a bandeira que hasteia, donde resulta sua marcha pelo cotidiano expressando os valores que foram edificados em sua labuta sertaneja gerando continuidade histórica para as gerações vindouras.

Nascido permeado pela pobreza, até o alimento na mesa era escasso, entretanto, o poeta triunfou, enfrentou a fome e as condições desfavoráveis, diante deste cenário o vate nunca conseguiu frequentar a escola, jamais aprendeu ler nem escrever, porém, desenvolveu aptidões para ler o mundo, interpretar a natureza e através da oralidade colocar em sua poesia tudo aquilo que enxerga em seu meio. Isso fica claro quando lemos a seguinte estrofe:

> Meu livro é a natureza
> Que escola pra mim não tinha
> Podia a culpa ser minha
> Mas eu botei na pobreza
> Que o tempo é uma riqueza
> Que eu não pude aproveitar
> Me criei sem estudar
> E a natureza mostrô
> Que a boniteza da flô
> Seca pra o vento levar (Bastião, 2018, p. 12)

Em sua oralidade podemos observar um certo resquício de lamentação por não ter conseguido estudar, evidenciando também o quanto o letramento e ensino formal já faziam parte do *hall* dos interesses da população na região em que nasceu. Alega que não conseguiu frequentar a escola devido a pobreza extrema que enfrentava, deixando claramente expresso na

estrofe acima que perdeu tempo por não ter estudado ao demonstrar que sentiu falta por não ter estudado. A poesia que constrói traz muito dessa sensação de à época não ter sido oportunizado o acesso ao estudo, uma vez que teve de trabalhar desde cedo, mas a criação poética se fez a partir de sua relação com o entorno, valorizando a natureza como inspiração e base maior de sua arte.

O poeta expressa suas tristezas e seus lamentos, mas não só isso, pode ainda expressar as dores do outro, o que nota no seu cotidiano, os descasos sociais, a fome, a guerra, a opressão, tudo isso é denunciado em sua poesia. A arte de Bastião não está apoiada apenas em pilares estéticos, ele constrói uma ética social em seu pensamento ao enxergar o lado triste da vida e expressá-la em sua produção.

Através da comunicação que a poesia projeta, somos atingidos em nossa existência, quem a escuta se sente tocado por esta arte. Assim é que Bastião se coloca fazendo mediação entre o mundo que enxerga e aqueles para quem destina seus versos. Espécie de mensageiro do povo. Ao retratar a paisagem sertaneja, dissertando sobre os costumes de sua gente, e colocando as peculiaridades de sua terra em seus versos, leva sua mensagem de forma eficaz.

Ferreira (2018, p. 166) considera que "por isso o poeta é o grande alquimista que transforma as pedras, os riachos, os morros, os vales, os animais e os vegetais em seres de poesia, metamorfoseados em palavras sentimentais." Leonardo expressa o amor por sua região e por seus coetâneos na medida em que elabora todo um sentimento de pertencimento ao seu natural, a partir do versejar das práticas, dos costumes, dos trabalhos cotidianos que o ligam ao mundo. Por outro lado, é o sentimento de ausência que permeia seus versos quando tematiza sua relação com a escola, com a leitura, com a educação formal. Então vejamos o jogo que ele faz entre aquilo que era seu cotidiano de infância e o desejo de ter a mesma vivência de outras crianças de sua geração e de seu entorno, até mesmo quanto ao acesso às brincadeiras infantis:

> Minha carta de ABC
> Foi um bisaco de mão
> Catando baije de feijão
> Pra cunzinhá e comê
> Limpei mato sem pudê
> Que o fi do pobi se atola
> Nunca chutei uma bola
> Mas andei em jegue ruim
> Que fi de pobi era assim
> Sem ter direito uma escola. (Bastião, 2018, p. 25)

O autor evidencia uma denúncia em seus versos, a condição de ser pobre está permeada pela limitação, dentre as quais o acesso a escola e por conseguinte, o direito que lhe foi negado,

o estudo. Constatamos que tal direito foi contestado pela sua condição, ser pobre, lhe inviabilizando o acesso a espaços que também desejava frequentar. Assim, retrata a infância na pobreza enquanto lugar de trabalho. Servindo, portanto, de mão de obra para que o sistema continue girando e perpetuando no poder os que já estão controlando as engrenagens do capitalismo.

Em sua poesia, Bastião coloca o sofrimento e as difíceis condições de vida que enfrentou, sua fala traz um lamento e esboça a tristeza do vate pelas intempéries que foi exposto. O trovador de Itapetim desde pequeno trabalhou muito buscando maneiras para sobreviver, não tendo uma infância de brincadeiras e divertimento, as obrigações sempre estiveram permeadas em seu cotidiano. Em suas palavras observamos as sombras de um passado paupérrimo e caudaloso:

> Hoje eu passei nos torrões
> Da casa que eu nasci nela
> Se aqueles torrões falassem
> Diziam quem foi aquela
> E testemunhavam a fome
> Que eu passei debaixo dela. (Costa; Passos, 2013, p. 506)

As dores também foram pedagógicas nas vivências desse sertanejo, buscando harmonizar o que encontra ao seu redor, faz de sua poesia um elo com o pretérito que realça revelações no presente. Sendo um inconformado com muitas injustiças sociais que enfrenta, percebe e tenta combater em seu cotidiano. Há uma filosofia no seu pensamento que é expressa em sua obra através dos ritos populares que percebe no seu caminhar.

O vate do Pajeú traz a essência das flores em seus versos, busca a ternura das crianças para adocicar a sua poesia que é escrita com a tinta da sensibilidade. A arte e a ciência estão urdidas em seu pensamento, de acordo com Certeau (2014, p. 131) “ora, entre a ciência e a arte, considera-se não uma alternativa, mas a complementaridade e, se possível, a articulação.” É notória a articulação da produção de Bastião com as ciências em geral, com a relva que lhe permeia, isso complementa o fazer artístico do poeta que busca no mundo a inspiração para produzir seus versos.

O poeta é um arquiteto da palavra que elabora sua maquete de rimas, usa figuras de linguagem e vê aquilo que é imperceptível para os olhares de muitos, só o poeta consegue notar sensibilidade em cenas que são triviais para os outros, com a vista aguçada e o pensamento fértil aduba sua inspiração e concebe sua poesia. Evidenciando em sua poética as tradições do seu lugar, esboçando assim como se dão as relações sociais de sua gente.

A poesia está ao nosso redor, tanto em elementos da nossa natureza, bem como também em fatos sociais, na alegria e na tristeza o poeta enxerga a poesia, mas não só a enxerga consegue dizê-la, expressando assim aquilo que vê e sente. Sendo o poeta um repórter das tradições que lhe engendram, assim é Leonardo Bastião. Um artista que faz de sua arte ferramenta de transformação e conscientização social. Em sua produção ele fala um pouco sobre o que é ser poeta:

> Poeta é esse que cria
> Duma sombra uma paisagem
> Depois que faz a montagem
> Fica como ele queria
> Como nasce a poesia
> Só Deus sabe e mais ninguém
> No mundo todo já tem
> Se botar mais inda cabe
> E a gente ainda não sabe
> Explicar de onde vem. (Bastião, 2018, p. 64)

Na estrofe elencada acima, Bastião esclarece que o poeta é aquele que consegue criar de uma simples sombra uma paisagem em versos. O vate pernambucano também estabelece uma dúvida com relação a poesia, pois, afinal de contas, de onde vem a poesia? Essa é uma questão levantada e não explicada, sendo atribuída o seu nascedouro a uma fonte divina, e Deus sendo o responsável por saber onde nasce a poesia, essa que é permeada em nosso mundo e o poeta consegue enxergá-la em tudo.

Segundo Menezes (2004, p.10), "[...]não há idade nem sexo para que estas características se manifestem neste iluminado povo. Dali homens, mulheres e meninos trazem em si os miraculosos traços que a poesia desenhara-lhes na alma". Análise que projeta para a população da região as características que dariam suporte para se fazer poeta, sendo a poesia indissociável do lugar. Entra então na dimensão apresentada por Bastião quando diviniza a origem da poesia, tornando a região um lócus escolhido pela divindade.

Sendo um apaixonado por Itapetim, seus versos claramente descrevem esse sentimento por sua terra. Dentre muitos poetas que nasceram em Itapetim, Bastião é um dos destaques dessa cidade pela sua maneira de enxergar o mundo, o amor ao seu torrão denota claramente uma relação de pertencimento entre o poeta e a cidade. Ele jamais quis abandonar o seu torrão, nunca almejou buscar outros lugares, foi e é satisfeito morando em seu recanto, como bem descreve:

> Eu me orgulho ser fi de Itapetim
> Onde as serras parece cum poema
> E os poeta segura esse sistema
> Pra cultura mais nuca levar fim

> Quem achar que aqui não é assim
> Passe um mês assistindo cantoria
> Se eu não fosse matuto ainda ia
> Dizer coisa que herdei da natureza
> E debruçar os meus braços sobre a mesa
> Desse ventre imortal da poesia. (Bastião, 2018, p. 74)

Fica claro que a rede de poetas que nasceu na cidade atua em defesa da cultura, propagando os valores da poesia popular. Bastião mostra abertamente o sentimento de pertença ao grupo da poesia. Fazendo assim parte desse nicho, tem orgulho por ser um defensor das manifestações populares. Itapetim é, sem sombra de dúvidas, uma cidade que pode se orgulhar de ter habitantes tão vinculados a tradição da poesia. Os itapetinenses amam verdadeiramente sua terra, defendem as suas origens com garras e dentes e rechaçam qualquer manifestação que macule a imagem da cidade.

A valorização das identidades locais é um aspecto que prevalece nas construções poéticas evidenciadas, na maioria de suas poesias percebem-se elementos que retratam a sua identificação e respeito por sua terra, pois não é apenas estar vinculado com suas origens, é saber da importância de cultivar o sentimento de pertencimento, esse que tem que ser propagado para as próximas gerações. A valorização de nossas identidades fortalece a cultura evitando assim sua descaracterização. De acordo com Ferreira (2018, p.62) "O sertão se faz presente em si e se mostra como uma razão estética, revelando a identidade cultural e móvel, realizada por meio das artes."

A aculturação é um processo de interação entre culturas possibilitando trocas e modificações dos modos de fazeres e saberes, esse processo pode ser perigoso e tem que ser visto com cautela. Esse fenômeno pode acabar com as práticas culturais endêmicas e trazer culturas que não fazem parte daquela região. Para Cascudo (1973, p. 105) "aculturação é o resultado da influência dos padrões estrangeiros na cultura orgânica de um povo."

Por exemplo, em Itapetim o que prevalece é a cultura da poesia popular, a aculturação seria trazer para a cidade a cultura do funk que não faz parte das manifestações culturais daquele setor, mas se adotado pode fazer com que a nova geração se aproxime dessa manifestação e deixe de lado a cultura raiz, por isso é importante que se divulgue e se propague o que é nosso, pois fazendo isso essas práticas serão fortalecidas.

Por mais que se busque conservar a essência da cultura popular, as relações são cíclicas, e a poesia também passa por mudanças. Essa arte naturalmente vai agregando elementos do contemporâneo, o mundo globalizado verte influências sobre ela, todavia o que não pode acontecer é transformar a poesia em algo que descaracterize a sua tradição. A poesia

pode e deve agregar elementos do contemporâneo desde que continue buscando conexões entre o passado e o presente.

O poeta que é influenciado pela globalização precisa continuar elencando os valores do seu meio, esse fenômeno tem que estar atrelado ao sentimento de pertencimento que retrate as tradições locais em seus versos. Conforme afirma Ferreira (2017, p. 85), "dessa forma, há a expressão das tradições, das falas, das atitudes, das crenças, da relação do homem com a terra, do universo da convivência e de todas as manifestações da cultura que representam o homem no mundo vivido." São estes alguns dos pilares em que o poeta deve estar amparado, e na produção de Bastião notamos isso. Com relação ao fenômeno da globalização o antropólogo Canclini (2005) propõe:

> A chamada globalização, em vez de oferecer, como se costuma apregoar novos mercados a escritores e músicos latino-americanos, seleciona aqueles de audiência massiva, redefine seus "produtos" para que circulem internacionalmente e faz calar a enorme maioria dos criadores locais (Canclini, 2005, p. 244).

Em meio aos horizontes globalizados da existência, o poeta sente-se confrontado com o mundo. Nesse confronto, o vate utiliza de sua arte para descrever a realidade que enxerga, a poesia pode vir a ser: uma forma de enfrentamento, um alento para encarar as adversidades, avistando-se assim saídas diante dos problemas encontrados. Na verdade, a poesia torna-se uma filosofia de vida. Sempre foi uma aliada de Bastião, uma fiel companheira que esteve ao seu lado. A arte tem o poder de consolar e aliviar um pouco as dores do cotidiano, e o trabalho da poesia com certeza fez e faz isso com o trovador de Itapetim.

A poesia e o poeta estabelecem uma relação de simbiose, são aliados no processo de criação. Bastião ao criar seus versos busca na natureza a inspiração e realça aquilo que vê e sente através da oralidade. A criação de paisagens no horizonte linguístico que o poeta faz mostra aos expectadores uma outra leitura de mundo, conseguindo assim notar o que não é percebido por muitos e trazendo isso para percepção do outro.

A percepção do poeta é aguçada, observar cenas despretensiosas e enxergar poesia nesse contexto requer uma aproximação diferente sobre o que está sendo observado. Na poesia de Leonardo Bastião notamos que a natureza é sua pauta maior, dentre os assuntos tratados, no entanto o autor também aborda outras temáticas, como em uma sextilha que desenvolveu sobre a sombra observamos sua capacidade de observação ao sintetizar o elemento da sombra.

A sombra que me a acompanha
Não é a que me socorre
Se eu andar ela anda
Se eu correr ela corre

> E é mais feliz do que eu
> Não adoece e nem morre. (Bastião, 2018, p. 16)

Bastião coloca nesta estrofe a relação de dubiedade entre o ser e sua sombra. Então, ainda que atribuísse a ela a possibilidade de maior felicidade do que a si próprio, a limita no instante em que lhe é dependente para se movimentar. A felicidade a ela atribuída estão nos fardos dados a humanidade: adoecimento e morte. Assim, o estar feliz de seu duplo, a sombra, está naquilo em que lhe supera: a não condição humana.

Em tom de sarcasmo, consegue utilizar o elemento da sombra enquanto superior ao próprio ser humano, a sombra como a mais poderosa, já que não morre e nem adoece, e o ser humano como ente finito que é, tanto adoece quanto chega ao seu fim. É interessante notarmos as comparações que o poeta elenca e os desdobramentos nos seus versos. A sombra é um elemento que pouco é percebido em nosso cotidiano, mas Bastião o traz para sua poética evidenciando um cenário novo.

Tendo em vista essa abordagem geral sobre os meandros da poesia popular e sobre o poeta Bastião, serão tratados aspectos que dão sentido a sua produção e estilo. Subsídios apresentados, inicialmente, para preparar o leitor na imersão de sua poética. Poeticidade na qual destaca-se a sensibilidade e as pertenças versejadas a partir daquilo que chamamos de herança de matuto; a cultura popular; a religiosidade e a sua visão do divino, tomando a natureza enquanto tópos para demonstração de sua visão de mundo. De suas vivências advém a força de atração com que atinge seu interlocutor.

2.1 A SENSIBILIDADE POÉTICA

Articular uma análise para o campo do sensível na poética de Bastião conduz este estudo a dialogar com a história das sensibilidades, campo historiográfico que é moldado pela cultura e investiga as formas olvidadas de sentir e interpretar o mundo. Como aporte teórico, serão consideradas, também, as contribuições de Corben e Mazurel (2024, p. 7), segundo os quais “assim, a história das sensibilidades trabalha com o estudo das variações locais, sociais e históricas das percepções sensoriais, do agrado e do desagrado, da expressão das emoções e das formas de afeição.”

A sensibilidade é um elemento central na produção de Leonardo Bastião, que conduz seu leitor a mergulhar em paisagens sertanejas, construindo um ambiente com que se identificam seus habitantes (que lá vivem), aqueles que migraram para outras paragens e transeuntes nos versos que acessam. É o campo do sensível requisitado de imediato do leitor que queira recepcionar a poética de Bastião. Consegue urdir o mundo vivido em seus versos.

As “sacadas” que lança em sua poesia provocam encantamento. Entrelaça seu olhar da natureza com a afirmação da presença de Deus naquilo que a tonifica. Condução narrativa de que trata em entrevista cedida a Ferreira (2024):

> A poesia é a natureza. Ninguém é poeta não. Eu posso fazer uma coisa e agradar a todo mundo. Mas eu tô pegando carona no que Deus fez. Tudo isso é motivo pra fazer verso. Eu pego carona num passarim quando avoa ou quando canta, no sol quando se deita ou se alevanta. Deus é um grande Poeta (Ferreira, 2024, p. 13).

Bastião, ao afirmar que “a poesia é a natureza” e que “pega carona no que Deus fez”, permite-nos observar um devir em vontade de conexão com a natureza, e com seu criador, uma vez que torna central, em sua visão de mundo, a devoção com o divino. Pilares que dão o tom na produção dos seus versos: Deus e natureza.

Portanto, Leonardo torna a natureza e Deus como motes centrais de sua inspiração. Donde podemos, também, compreender que se Deus é também poeta, Leonardo se coloca apenas como um canal para manifestação da poesia. Observa Barreto (2024, p. 44) que “Bastião percebe a natureza como resultado da magnífica criação divina, que nenhum cientista jamais conseguirá imitar.”

O homem sábio é aquele que questiona a realidade apresentada, que busca os pormenores esmiuçando os fatos. Leonardo enquadra-se nesses aspectos, já que enxerga uma realidade através das lentes críticas de sua poesia. Rabelo (2014, p. 118) defende que “o homem sábio é aquele que não se entristece com as coisas que não dão certo, ele não diz tudo que pensa, mas pensa tudo que diz”. Assim é o autor aqui evidenciado, um cidadão que permeia reflexões sobre sua realidade e as esboça através de sua prática oral.

A maioria dos poetas buscam na natureza e em Deus a inspiração para compor seus versos. Para Shelley (2008, p. 80) “aqueles nos quais essa faculdade existe em excesso são os poetas, no sentido mais universal da palavra; e o prazer resultante da maneira como eles expressam a influência da sociedade ou da natureza sobre suas próprias mentes”. A natureza oferece os elementos físicos e paisagísticos necessários para que o trovador busque nesses cenários os dados imprescindíveis para colocar em sua produção. Deus é o elemento divino, reivindicar o sagrado é atribuir uma espécie de mística a literatura, o poeta em sua solidão busca forças e contentamento nessa esfera.

Como exímio trabalhador da cultura no seguimento das artes poéticas, o artista de Itapetim consegue fazer intersecções entre o passado e o presente, aliando a natureza e a sensibilidade em suas práticas orais. Com base no que defende Corbin e Mazurel (2024, p. 13)

“a história das sensibilidades, como se vê, tem raízes em heranças intelectuais mais variadas e antigas do que se diz, todas preocupadas em reavaliar a parte dos afetos na determinação da conduta individual e na marcha das sociedades”. Leonardo em uma de suas produções intitulada: A casa da minha infância, propõe o acesso a uma herança intelectual do seu passado e uma preocupação na reavaliação do seu presente, deduzindo o mundo por intermédio das emoções e sentidos das mentalidades.

A casa que eu nasci nela
E dei meus primeiros passos
Quem sofreu pra fazer ela
Me carregava nos braços
Não tenho mais mãe nem pai
Que a casa adispois que cai
Vira passado e se encerra
E cada torrões daquele
Tem lágrimas dos olhos dele
Que misturou-se na terra.

Chorei quando vi caído
O que pai fez com trabalho
Até porque tinha sido
O meu primeiro agasalho
Foi ali onde eu nasci
Onde chorei e sorri
Meus pais chorava também
Tantos sôe desmoronado
E tanto suor derramado
Sem servir mais pra ninguém.

Aquela casa pequena
Onde eu vivi minha infânça
Caiu apagando a cena
E matando a minha esperança
Aqueles caco de telha
Virou morada de abelha
Maribondo e inxuí
E aquelas terras mexidas
São testemunhas de vidas
Que se acabou por ali. (Bastião, 2018, p. 21)

Nas estrofes narradas evidenciam-se as minúcias que permearam o nascimento de Leonardo Bastião, o sofrimento e as dores de sua família expressos em sua oralidade demostram o lado sensível do poeta que, através das mentalidades coletivas de sua genealogia, imprime em seus versos o mundo experienciado, trazendo ao leitor o sentimento que estava posto no momento em que produziu sua arte.

O choro ao visitar o lugar de memória que outrora abrigou não só a sua matéria, mas seus sonhos e inquietações, essas lágrimas denotam a fragilidade do humano, que acessa o seu passado, sem poder modificá-lo, apenas aceitando as duras sentenças que a vida impôs. Na historiografia, Certeau (2014) propõe que na literatura é possível distinguir estilos e maneiras de escrever, também se podem abalizar jeitos de fazer – de caminhar, ler, produzir e falar. Leonardo Bastião encontrou a sua forma de acessar e produzir em sua poética a história das sensibilidades que lhe engendraram.

O poeta de Itapetim pode ser considerado um humanista, sua poética é alicerçada em virtudes fortes e o seu caráter reflete os valores que agregou durantes as suas vivências. Para Rabelo (2014, p. 118) "o humanismo pode ser definido como um conjunto de ideias e princípios que valorizam as ações humanas e os valores morais (respeito, justiça, honra, amor, liberdade, altivez, solidariedade, etc.)". A humanidade é responsável pela criação e desenvolvimento desses valores.

A partir do contato com Bastião e sua obra, compreende-se que há a necessidade de conectar-se ao mundo vivido para que sua sensibilidade aflore. Enquanto poeta, ele está intimamente interligado ao seu meio, mais do que ninguém conhece a sua região, estabelecendo uma interligação que o anela ao *lócus* de que retira inspiração. Segundo Ferreira (2018, p. 66) "a poesia do sertão tornou-se uma cartilha de aprendizado do homem sertanejo, sobre a forma de folhetos de cordel ou das cantorias, representadas pelos poetas repentistas." O autor aqui estudado consegue educar através de sua poesia, estando ela prenhe de elementos pedagógicos sobre o sertão que lhe permeia; na cartilha sobre a vida ele continua a escrever sua história.

O canto dos pássaros, a vegetação da caatinga, as águas do rio Pajeú, dentre tantos outros elementos estão expressos na poesia de Bastião, como sendo um poeta que exprime com clareza através de sua arte aquilo que passa despercebido pela maioria dos indivíduos no cotidiano. A valorização desse cidadão é contundente para o soerguimento dos nossos valores sociais, mantendo assim sua contrapartida com a comunidade, compartilhando seus modos de fazeres e saberes, nesse diálogo fortalecendo suas práticas artísticas para cada vez mais anunciar ao mundo sua poética.

Barreto (2024, p. 50) interpreta que "A linguagem "matuta" dos poetas e as emoções e reflexões exaladas em sua arte causou certo estranhamento inicialmente, mas assim é que se alargam os horizontes de expectativa: pelo estranhamento, pela inquietação, pelo colocar-se em lugar de outrem e experimentar a sua vivência." É a simplicidade das manhãs orvalhadas sertanejas, o canto dos pássaros na campina, as lavouras que nascem depois de plantadas nas primeiras chuvadas de janeiro, enfim, nessas e em tantas outras cenas a percepção é aflorada.

Não é diferente com Bastião, pois ele encontra a sensibilidade permeada em seu meio, em tudo enxerga poesia e improvisa seus versos, como na estrofe abaixo:

> Toda vez que passo aqui
> Tem vontade de fazer
> Um verso de improviso
> E guardar pra não esquecer
> Que poesia é da terra
> E brota até sem chover. (Bastião, 2018, p. 14)

Os anseios do poeta são expressados em sua verve no âmbito da memória, sendo um guardião desse campo, ao improvisar o cotidiano, expressar sentimentos e salvaguardar os valores que se encontram vilipendiados pela sociedade. As tradições populares precisam de mestres como o que vem sendo aqui estudado, o amparo dessa cultura carece de outros Leonardos para se manter viva e expressiva nos modos de fazeres e saberes da poética popular.

Evidentemente utilizando-se do comparativo entre a prática do poeta e a natureza, ampliando a força da poesia, categorias distintas aqui sendo tratadas, pois a natura precisa de chuva para vingar os brotos em sua terra. Já a poesia nasce mesmo na terra seca, na estiagem, já que é uma categoria metafísica. Constatamos isso a partir de Ferreira (2017, p. 62) "[...] o poeta estará sempre sendo afetado pelas coisas do mundo, pelo movimento da vida, na sua dinâmica forma de ser."

A poesia não está apenas presente no que aparentemente é belo, ela pode ser encontrada naquilo que nos aflige, na tristeza, na melancolia, solidão, agruras da existência, em solos áridos, na guerra, na morte. É, talvez, na possibilidade de praticar uma poética que se conecta a diversidade de emoção e de experiências humanas que o poeta demonstra sua sensibilidade narrativa. Donde é possível afirmar, como foi ressaltado na estrofe citada: "que poesia é da terra e brota até sem chover". Clara metáfora utilizada pelo poeta para afirmar que até em terrenos infecundos pode se notar poeticidade, e não apenas em terrenos dados como férteis. O poeta tem sua sensibilidade aflorada para situações de aparente contradição poética.

O poeta narra o seu cotidiano, Cascudo (1973B, p. 329) observa que "começaria o poeta sendo o historiador dos fatos memoráveis. Poesia narrativa é ainda a mais universal e velha e a única que possibilitou o profissionalismo poético." Segundo o folclorista potiguar, o poeta atua como um historiador de fatos memoráveis desde a antiguidade. Narrar os fatos através da poesia possibilitaram ao poeta a profissionalização do seu fazer artístico, endossando assim sua importância junto a sociedade.

Como já mencionado, o autor aqui estudado não foi escolarizado, tudo aquilo que produz é no âmbito da oralidade, sua produção é captada pelos amantes da poesia que o visitam e decoram (ou mesmo gravam) suas estrofes para partilharem nas redes sociais. Ainda se esvai muito do que produz porque Leonardo acaba esquecendo, já que nem sempre há alguém por perto para captar o que ele cria.

Com relação ao analfabetismo que permeia a vida do poeta aqui retratado, ponderemos para a compreensão das dificuldades da época em que nasceu, sua região e contexto de vulnerabilidade social não permitiram que Bastião passasse pelo processo de letramento. Para o folclorista Cascudo (1973B, p. 330), "o verso é naturalmente guardado na retentiva mental. Mesmo nas épocas letradas os grandes cantores eram analfabetos. Também não sabiam ler música e eram compositores aclamados. O ouvido era tudo. Ou quase tudo." Ressaltando a cultura iletrada, notamos que os artistas desse meio não eram considerados menores, pelo contrário eram aclamados pelo seu público.

Para Burke (2010, p. 195), "eles aprendem ouvindo os mais velhos e tentando imitá-los, e o que eles aprendem não são textos acabados, mas um vocabulário de formas e motivos e as regras para sua combinação, com uma espécie de "gramática poética". Leonardo Bastião não aprendeu sua poesia em nenhuma cadeira de escola, ela foi desenvolvida a partir do convívio com seus pares, ouvindo e conversando com outros poetas passou a conceber a sua própria poesia, ou seja, a sociabilidade capacitou essa individuo com tal habilidade artística.

Ele percebe cenas que outros não percebem, para enxergar sensibilidade no que para muitos é corriqueiro e, portanto, é preciso estar em comunhão com o meio que lhe rodeia. Sua professora foi a natureza, e com ela aprendeu a oralizar em versos o que via e imaginava sobre o mundo, como mostra a estrofe abaixo:

> A natureza tem livro
> Pra onde a gente se vira
> E aqui eu vejo uma coisa
> Que todo mundo admira
> Que aprendero a fazer pote
> Olhando pra uma cupira (Bastião, 2018, p. 84)

Nesta estrofe o poeta enaltece que a natureza nos ensina, seus livros estão espalhados pelos elementos que estão nela dispostos. Ao ressaltar o cupinzeiro que é um emaranhado de terra e outros resíduos edificados pelos cupins que constitui seu ninho, depois que é abandonado esse conglomerado de terra por vezes é ocupado pela abelha melípona cupira *(Partamona cupira)*. Na visão do autor quando o ser humano observa o cupinzeiro na natureza se inspira

então a fazer potes com aquele formato do cupim só que em estrutura interna oca para armazenamento de água.

Observa-se que Bastião tenta suprir aquilo que não aprendeu em sala de aula ressaltando os fenômenos naturais, as relações da fauna e da flora com seu biótico. Sendo por natureza um sentinela, ele nota as relações sensíveis dos animais entre si. Tudo isso é matéria de aprendizado para o vate sertanejo, que em tom de jocosidade fez as seguintes estrofes:

> Tudo que o homem estudou
> Pra natureza foi pouco
> Ele não faz um coqueiro
> E se inventar fica louco
> Caçando a encanação
> Que leva água do chão
> Pra botar dentro do coco
>
> O cágado é num modelo
> Do tipo de um capacete
> Que a natureza blindou
> Como que fosse um colete
> Que não é a prova de bala
> Mas é a prova de cacete.
>
> Deus fez o cágado redondo
> E envergou o camelo
> Fez o gato cabeludo
> E o calango sem cabelo
> Porque o bicho pelado
> Fica melhor de comê-lo. (Bastião, 2018, p. 84-85)

Na primeira estrofe o autor fala sobre o coqueiro e evidencia que o homem, com todo seu estudo e aptidões técnicas, não consegue inventá-lo, pois ficaria procurando formas de colocar a encanação que levaria a água do chão para dentro do coco. Em claro tom de jocosidade, o poeta coloca a natureza como um elemento superior ao homem, o homem assim não sendo capaz de fazer o que a natureza elabora.

Na segunda estrofe o poeta vai abordar o cágado, que é uma espécie de tartaruga de água doce, animal de comum presença nas margens do rio Pajeú. Bastião ressalta a proteção que o casco oferece a esse animal como uma espécie de “capacete” que o protege de predadores naturais. Tais comparações aproximam o leitor, gerando uma ambiência dos fatos narrados, acolhendo e convidando os amantes dessa literatura.

Na terceira estrofe o poeta nos traz as formas físicas dos animais, fazendo referência ao cágado e sua forma arredondada e ainda esboça que o camelo tem uma formatação envergada. Leonardo ainda faz um contrassenso entre o gato e o calango: o gato como predador

e o calango como presa, o poeta ressalta que o calango foi feito sem pelagem, característica essa que permite escapar dos predadores com facilidade.

Dessecando a poesia de Bastião, nota-se a presença de muitos elementos que corroboram sua sabedoria, uma maneira própria de observar o mundo e fazer associações com o que nota em seu em torno. A natureza instruiu o poeta a ter uma sensibilidade aflorada e interligada com a fauna e flora do sertão, as árvores, os pássaros, as relações entre as espécies e tantos outros fatores fazem o poeta do Pajeú perceber as conexões simples e complexas do meio ambiente, tudo está interligado e quando algo se desregula um impacto ambiental é provocado.

Ao analisarmos as estrofes de Bastião, nos deparamos com um horizonte rico de conhecimento. De acordo com Romero (1977, p. 17), "na poesia popular se encontra muito do que é representativo, por sua originalidade, por sua espontaneidade, do espírito de nossa gente". A originalidade é realmente a marca central da poesia popular, as paisagens construídas pelo vate sertanejo em seus versos encantam, ensinam e transmitem os valores e tradições do seu lugar.

O sensível faz parte da identidade do poeta, encontrar nos capítulos de nossa vida o entusiasmo para seguir é se colocar enquanto resistência no mundo. A arte popular, propõe Ferreira (2018, p.182) "em toda a sua dimensão sensível educa o ser humano, pois abre os canais da compreensão e transformação da vida, construindo maneiras de aproximar o ser humano e o mundo que o cerca."

O poeta está cindido com a poesia, a poesia anda de mãos dadas com o poeta, onde quer que este esteja, ali a poesia estará também, são como dois em um. Conforme enaltece Ferreira (2017, p. 53) "o mundo da poesia é o mundo do poeta, ambos estão sempre se renovando, buscando o cruzamento de múltiplas coisas, novas entradas e novas junturas." Enxergar o mundo e encontrar poesia é uma tarefa que cabe apenas ao artífice dessa arte realizá-la.

Um saudosismo é expresso na oralidade do autor estudado, a velhice expressa ao sertanejo um certo remorso de não ter aproveitado melhor a juventude. As vivências do trovador constatam que na terceira idade o fardo de doenças e as passadas para a morte se intensificam, a mocidade deixa saudades, como bem podemos observar nos versos seguintes:

Meus vinte anos de idade
Faz tempo que foram embora
Veio a velhice, expulsando
A mocidade pra fora
Entrou sem pedir licença
Ficou como uma doença

Que todo dia piora (Costa; Passos, 2013, p. 506)

Conclui-se esse subtópico de modo satisfatório, pois nele foram evidenciadas as nuances da sensibilidade presentes na poesia de Leonardo Bastião, pois foi possível identificar no seu labor artístico as evidências do mundo sensível presentes em seus versos e refletir sobre a inteligência de vate de Itapetim, inteligência esta que não foi aprendida no universo escolar, e sim na ambiência com os seus pares, mostrando como a natureza educou o bardo.

2.2 A HERANÇA DE MATUTO

Já emergido pelo pensamento e produção poética do autor, nosso presente estudo irá debruçar-se, aqui, sobre uma temática dentro do contexto estudado: a herança de matuto, mote este que foi inclusive título do livro de Bastião, publicado em 2018 pelo grupo empresarial de João Claudino, dono da importante rede de móveis e eletrodomésticos, o Armazém Paraíba. Foi essa empresa que subsidiou a impressão de mil exemplares do livro intitulado *Minha Herança de Matuto (2018),* que surgiu junto a colaboração de conterrâneos do poeta que reuniram suas principais poesias.

> Durante a correção do projeto feita pelo trio de poetas Lenelson Piancó, Zé Adalberto e Wennys Cavalcante, foi preservado ao máximo o linguajar sertanejo como também a rima, métrica e oração, cada palavras dos versos foram examinadas com o máximo de cuidado, para que não se perdesse a essência matuta presente na obra do poeta. O poeta Leonardo é analfabeto de escola, mas fez seu doutorado em ciências da inspiração (Bastião, 2018, p. 10).

O título do livro é bem sugestivo e, aqui, será explorado um pouco da "herança de matuto" do poeta do Pajeú. Por muitas vezes atrelamos o nome "matuto" como sinônimo de uma pessoa acanhada, que não teve acesso ao conhecimento escolar e reside na zona rural. Na produção em destaque, será investigada a sua herança cultural, o que ele julga que foi deixado por espólio e como isso influencia em sua maneira de criar versos.

O artista aqui averiguado nasceu em um contexto de pobreza extrema, evidenciamos assim que a herança do sertanejo em questão não é de bens materiais e sim de saberes que agregou desde a tenra idade, convivendo pelas veredas do sertão nordestino. Os valores e os conhecimentos empíricos que agregou, a partir das vivências em seu lugarejo, destoam do saber formal.

Em uma de suas poesias, o vate sertanejo demonstra o contexto em que nasceu, elenca que seu saudoso pai lhe deixou por herança uma pequena porção de terra, e que por esse espólio

deixado nutria afetos, não pelo apego monetário, isso sendo irrisório até mesmo pelo ínfimo valor da propriedade, mas o amor pela terra que nasceu, o seu valor simbólico é imensurável.

> Nasci na casa atrasada,
> Sou fí de Luizim Bastião
> Fiz muitas letras no chão
> Mas o lápis era a enxada.
> Morreu à míngua, sem nada
> E minha herança foi assim
> Meio quadro de terra ruim
> Que inda hoje eu defendo
> Nem abandono e nem vendo
> O que pai deixou pra mim. (Bastião, 2018, p. 12)

Mesmo diante do cenário de atraso, como o poeta mesmo esboça em seus versos, não observamos sentimento de revolta por ter nascido em tais condições, pelo contrário, notamos amor nas palavras do sertanejo, afeição por suas origens e por ter conseguido enfrentar as difíceis intempéries impostas pela vida. O pertencimento do vate por sua região e o carinho notadamente manifestado pelo que o seu pai lhe deixou, sendo essa herança uma ligação de afetos com a figura paterna do poeta.

Segundo Lima (2018, p. 165) “O poeta e o filósofo/ Tem a mesma primazia/ Pois o poeta em seus versos/ Demonstra filosofia/ E o filósofo em seus ditos/ Tem tudo de poesia.” Nos versos citados, fica claro a essência e a proximidade do filósofo ao poeta. E Bastião agrega muita filosofia em suas poesias, sempre enxergando a realidade através das lentes de sua poeticidade.

Carregando consigo as identidades do povo sertanejo, Bastião foi forjado pela fibra da cultura popular, trouxe consigo a herança da poesia, nasceu dotado de sensibilidade e desde cedo soube expressar aquilo que sentia através da arte, observando o singelo da vida. O poeta enfrentou a vida não da forma que deveria, mas da maneira que foi possível, e assim caminha o bardo do Pajeú, sonhando sempre com dias melhores e enxergando arte em toda centelha de vida.

De acordo com Cascudo (1973, p. 23) “a cultura compreende o patrimônio tradicional de normas, doutrinas, hábitos, acúmulo de material herdado e acrescido pelas aportações inventivas de cada geração.” Bastião, sem sombra de dúvidas, cultivou a sua cultura, desenvolveu a sua poesia no terreno fértil do Pajeú das Flores. A convivência com outros poetas, a presença nas cantorias realizadas na região, bussolaram a percepção poética do declamador.

Aprendendo com a vida, aliás, com os acontecimentos que estão dispostos no processo vital, Bastião foi além disso, não quis apenas instruir-se com o seu cotidiano, resolveu também ensinar. Sua poesia traz valiosos princípios sobre as tradições do seu lugar. Carregando um fardo de tirocínio que sequer pode ser mensurado. Compreender o mundo que nos permeia conscientemente já não é uma tarefa fácil, e entender esse mundo e expressá-lo através da poesia da maneira como ele faz, revelando assim uma maneira idiossincrática própria de entendimento do mundo.

Portar consigo os valores culturais de nossa gente, propagando a poesia popular e acolhendo o outro com respeito, esses são alguns dos pilares que embasam a ética do poeta sertanejo discutido neste trabalho. Enaltecendo Ferreira (2017, p. 30) "o estado poético que advêm da relação do homem com as coisas do sensível pode redimensionar a vida cotidiana para o desenvolvimento de uma relação mais humanizada."

A poesia tem esse poder de humanizar o que está embrutecido, de aliviar as dores de quem se encontra com sua alma enferma, o estado poético é sempre acolhedor, retratando a convivência do homem sertanejo com o seu lugar, o cotidiano não deixa de ser um dos motes presentes na obra do poeta.

> Sou do sertão que a tapera
> Foi casa de muita gente
> E a fome tava presente
> Pra aumentar a misera
> Vi casa que o fogão era
> Três peda em cima do chão
> E cabaço, cuia e pilão
> Casa de estei, barro e vara
> É mesmo que ver a cara
> De quem nasceu no sertão. (Bastião, 2018, p. 84)

Na estrofe supracitada, nota-se elementos que em décadas passadas estavam presentes no convívio sertanejo. Hoje, graças a políticas públicas descentralizadas e com olhares voltados para a pobreza, as cenas descritas na estrofe praticamente não são mais vistas nos interiores do sertão nordestino. Bastião enfrentou uma dura realidade em um contexto social em que não existiam políticas públicas voltadas para oferecer condições dignas de sobrevivência as populações pobres. Hoje o poeta consegue viver com dignidade, tendo o suficiente para sua sobrevivência e o mínimo de conforto que lhe proporcionam o descanso merecido depois de tanto sofrimento enfrentado.

Leonardo carrega uma herança de valores e princípios, mas também traz consigo o espólio das marcas da pobreza, necessidades essas que vitimaram o poeta as duras custas da

vida; sempre lhe faltava o mínimo, no entanto era dado seu máximo para o enfrentamento e a busca de sua sobrevivência.

Carregando esse fardo, o trovador vive dia após dia esperançando tempos melhores. Hoje, graças a aposentadoria rural e a pensão que recebe de sua falecida esposa, o trovador do Pajeú alcançou melhores condições de vida, levando uma fase pacata, morando sozinho em uma das ruelas de Itapetim. Com o atributo de não ser um homem comum entre os demais, leva consigo um olhar diferente para interpretar o mundo, sua consciência de classe revela que Leonardo busca fazer de sua poesia um mecanismo de enfrentamento social. A herança que o trovador carrega está ligada aos hábitos e costumes da sua região. Portanto, esses ensinamentos estão imbrincados na sua poética quando se fala de: natureza, críticas sociais, satíricas e comentários sobre acontecimentos bíblicos.

Sem sofisticação em suas palavras, ele retrata a simplicidade do cotidiano sertanejo. A poesia não mora em nada artificial, é no meio natural que o vate pajeuzeiro encontra a matéria prima para produzir seus versos, que está nas manhãs orvalhadas, no canto dos pássaros, nas águas do Rio Pajeú, e em tudo aquilo que o sensível reside, o poeta gosta das coisas simples, e, para ele, é no campo que há um maior número de elementos que podem ser ditos de forma poética.

Arraigado aos costumes do campo, a caneta de Bastião foi sua enxada, desde sua tenra idade enfrentou as agruras da vida, não nasceu herdeiro de bens materiais, mas sua família o educou com as condições que tinham, não com uma educação formal, mas com valores e princípios. Caminhando pelas veredas da poesia popular, o vate sempre foi um indivíduo curioso e investigador da realidade camponesa. Conforme podemos perceber na fala do artista em entrevista concedida a Ferreira (2024):

> [...] lá no sítio eu criava uns bichim e eu admiro muito a natureza, tudo da natureza é quem inspira o povo, não é obrigado ser poeta não, eu fazia verso direto, com tudo que passava eu fazia um verso, passava um passarim eu fazia, um cachorro eu fazia, uma flor eu fazia, um beija-flor eu fazia, fazia de improviso e como tinha a memória muito boa, fazia as vezes dez, ai ficava dizendo, repetindo, ai as vezes três ou quatro eu salvava, e esse cabra também todo dia ia lá, quando não ia de noite eu dizia, e os outros se perdia, que eu não sei escrever, se perdia e não tinha ninguém em casa que eu mandasse escrever, minha mulher também não sabia ler nem escrever, deu mesmo certo o casamento, naquele tempo ninguém sabia de nada, ai foi assim (Ferreira, 2024, p. 30).

O eterno devir está impregnado na poética de Bastião, ou seja, o movimento, a passagem dos acontecimentos é transformada em improvisos. Mas, não só isso, na sua fala percebem-se detalhes de como é a vida sem letramento, em que a educação formal não era

possível, mas o anseio que suas práticas orais não fossem perdidas era maior. A dualidade entre memória e escrita, a repetição do que era produzido para fixação da aprendizagem, mostrando uma pedagogia no fazer artístico do indivíduo aqui tratado. É triste analisarmos que a maioria dos trabalhos produzidos por Leonardo foram perdidos nas fendas atemporais do esquecimento, pois ninguém de sua prole conseguia documentar sua produção.

Em sua expressão nota-se que a natureza é o farol do compositor, tudo se transforma em motivo para "pegar carona" e suscitar arte. Em um contexto de inópia, e não só de bens matérias e fomentos, mas de carência de cultura, brotou Leonardo, que nadou contra a maré e mostrou que na infertilidade de sua geração tornar-se fértil, acolher o belo era uma forma de autoafirmar-se perante a sociedade.

A poesia de Bastião carrega uma carga de sentimentos muito forte, trazendo consigo a sua linguagem matuta que para a gramática normativa apresenta erros, no entanto temos que preservar a forma como o poeta expressa o que vê, as supressões em sua fala não devem ser corrigidas, e prezamos aqui por manter os versos exatamente como foram ditos.

Pontua o folclorista Romero (1997, p. 29) "o maior defeito em que pode incorrer um coletor da poesia popular é pretender corrigi-la, refazê-la." A produção aqui destacada não pode ser reescrita em linguagem formal, isso marcaria uma quebra da sensibilidade dos seus versos, seria a morte da herança que o poeta expressa na sua verve. Em suas estrofes vejamos a apologia ao seu fazer artístico:

> Porque não sei escrever
> Meus verso é feito das coisa
> Que eu vejo em cima do chão
> Poesia é minha fonte
> Todo poeta é irmão
> E aquele que me censura
> O que ganhou em leitura
> Perdeu em educação. (Bastião, 2018, p. 65)

O fato de ser iletrado é esboçado pelo poeta em sua produção, não sabendo ler nem escrever, o poeta lê e escreve o mundo através de sua arte, sendo necessário um olhar de alteridade para sua criação artística. Um cidadão que não teve instrução escolar nenhuma, mas esboça em suas estrofes rima, métrica e oração, é algo que merece ser louvado, estudado e divulgado, por isso encaramos a empreitada de pesquisar a vida e a obra deste sertanejo, por considerarmos que a academia precisava conhecê-lo.

Para Burke (2010, p. 104) "estudar a história do comportamento dos iletrados é necessariamente enxergá-la com dois pares de olhos estranhos a ela: os nossos e os dos autores dos documentos que servem de medição entre nós e as pessoas comuns que estamos tentando

alcançar.” A carga de influências culturais que adquirimos através das vivências com o nosso meio faz com que percebamos que o teor prático de nossa existência nos capacite.

O pernambucano em evidência é um dos personagens que foi capacitado pela vida e pela arte expressando o mundo vivido através da oralidade, vivendo a própria poesia o artista consegue buscar os elementos necessários para compor seus versos, versos que não apresentam um teor rebuscado, remetem ao seu lugar de origem e as relações sociais que ali se passam.

Somos aquilo que consumimos, os produtos e as informações afetam a nossa existência, na sociedade do consumo nem sempre é fácil filtrar apenas o que convém. O bombardeio de informações aniquila a nossa capacidade criativa, precisamos processar aquilo que nos foi informado, mas o fluxo contínuo de dados diminui a nossa engenhosidade. O indivíduo desse estudo habituou-se a uma vivência desacelerada, consome poucas informações, mas filtra muito bem aquilo que lhe chega.

Dado o exposto, este subtópico se deteve a um pouco das suas heranças culturais, nos debruçamos naquilo que foi deixado para o poeta e como esse espólio foi contundente para seu desenvolvimento social. Os bens materiais nem sempre representam fonte de autonomia e saber, o conhecimento de Bastião do seu meio, a identificação do trovador com sua gente e o pertencimento evidente com suas origens dão a tônica a sua existência.

3. O CARÁTER POPULAR DA POESIA DE BASTIÃO

Para Canclini (2006), a dicotomia entre o popular e o não popular permanece ditando grande parte da engenharia social nos âmbitos da política e da ciência, tanto na esquerda quanto na direita, nas esferas dos estudos folclóricos e também nos domínios da sociologia, correntes essas que dialogam entre si mantendo uma preocupação com os processos modernos. Analisando o erudito e o popular, encontramos muitas aproximações e diálogos entre os dois conceitos. Em linhas gerais consideramos o erudito como aquilo que é acessível apenas a uma classe que usufrui de privilégios. Já o popular é atrelado ao que é acessível a uma parcela maior da sociedade. O primeiro estando assim colocado para a classe abastada, já o segundo para os menos favorecidos.

As análises sobre o que vem a ser erudito e o que se denota como popular tentam distanciar esses conceitos, muito embora o erudito e o popular confabulem muito entre si, pois, na grande parte das vezes, o erudito de hoje foi o popular do passado. Nas práticas e representações do nosso cotidiano, muitos elementos tanto da cultura popular quanto da cultura erudita estão imbrincados.

> No terreno das distinções entre o que pode ser chamado de popular e de erudito, há uma gama de interpretações que tem com base de distinção a produção, o consumo e a apropriação. Orientações que obtiveram grande relevância, em meio aos estudos sobre os objetos intelectuais e os produtos culturais, em nível mundial e nacional (Lima, 2020, p. 78).

Assim, para uma produção ser considerada do nicho da cultura popular ou erudita tem que se levar em conta suas origens e por quem ela é consumida, a produção e o consumo tornam-se fatores balizadores e determinantes para o enquadramento enquanto popular ou erudita. Notamos que para ser determinado se algo é erudito ou popular há uma caracterização de alguns fatores, a apropriação de quem consome determinada arte sendo crucial para essa definição.

Na produção de Leonardo Bastião notamos fortes indícios da cultura popular, afinal esse é o seu nicho. O poeta de Itapetim criou-se escutando cantorias, indo a feiras livres, ouvindo emboladas de coco e contadores de histórias venderem folhetos de cordel. Essa era a atmosfera em que Bastião convivia, e foi assim que ele começou a produzir seus primeiros versos, tendo como ouvintes a sua classe social, nas rodas de poesia, nas calçadas e nos botecos de esquina o diálogo do poeta sempre foi e é com os apologistas da poesia.

A classe social que se apropria de determinada arte é um fator contundente para a classificação dela enquanto erudita ou popular, mesmo que esta arte tenha sido gestada em seio popular, pode vir a ser consumida em nicho de cultura erudita e vice-versa. A música popular

brasileira mesmo é consumida e muito pela vertente erudita, por isso coloco que o popular e o erudito estão em constante diálogo.

De acordo com Chartier (1988, p. 57) "é precisamente nas obras da cultura letrada ou erudita que a cultura popular encontraria a sua máxima coerência e revelaria de forma mais completa o seu próprio princípio." A cultura iletrada mesmo que inconscientemente propõe um diálogo com a cultura erudita, fala de aspectos que são ditos de outras maneiras pelo mundo letrado. Leonardo Bastião mesmo sem instruções escolares fala de sua forma de aspectos que são discutidos pela cultura erudita, é aí que o popular e o erudito se cruzam e se tornam coerentes um ao outro.

Já para Burke (2010, p. 202) "se não há diferença de natureza entre as formas da cultura popular e da cultura erudita, podem existir diferenças de grau derivadas principalmente do fato de que grande parte da cultura popular era, e é, oral." A classe popular é subestimada, seus saberes também são colocados a tangente da sociedade. Reforçando essa ideia Canclini (2000, p. 160) "precisamente porque o patrimônio cultural se apresenta alheio aos debates sobre a modernidade ele constitui o recurso menos suspeito para garantir a cumplicidade social."

Quem está inserido na classe popular agrega muito conhecimento, mas é imposto um ideal de não saber, por não ser acadêmico, por estar pautado em bases da oralidade e por não ser escolarizado, fazendo parte assim da cultura iletrada, tudo isso faz com que se conceba um estereótipo fragilizado da esfera popular, que tem que ser desmistificado.

> [...] elencar os chamados poetas populares, os pequenos poetas que andam a improvisar, nas noites de festas, nas rodas de amigos, nos bares, nas festas de aniversário, na figura folclórica dos doidos e beberrões, como exemplo: Joaquim Doido, Leonardo Bastião, Jeová Cangaceiro, Paulo de Camila e outros, que não aparecem nos livros de poesias publicados (Costa, 1994, p. 100).

Talvez o poeta aqui tratado seja pormenorizado por não fazer parte do cânone literário, em razão de não ter um sobrenome pujante e principalmente porque não é dono de posses que lhe possibilitem ascensão social. São esses os reais motivos que invisibilizaram a produção de Leonardo Bastião, que até quando é citado pelos seus pares é tido como um poeta menor que apenas faz parte do folclore de sua cidade. Daí, também, a relevância de estudos que se dediquem à sua poesia.

O erudito suprime o popular na esfera da valorização, o popular é taxado de menor, simplório e até mesmo vulgar. Isso se dá pela forma como é enxergado pelas camadas dominantes, criando um arquétipo fajuto em torno do que realmente expressa a cultura popular. Cultura essa que contém variedades de simbolismos, e vale salientar que inclusive as vertentes

eruditas bebem dessa fonte, porém sonegam e se apropriam desses valores sem darem os devidos créditos.

A esfera popular sofreu e sofre muitas injustiças, é vítima de preconceitos e vilipêndios, isso tem que ser combatido. Essa é uma das razões pelas quais trago um poeta popular iletrado para este espaço, pois considero que a sua poesia tem muito a nos ensinar. Pesquisamos aqui um poeta vivo e que continua a expressar seus ideais de mundo para a sociedade, o conhecimento de Leonardo Bastião tem muito a contribuir no espaço acadêmico, buscamos expressar o caráter popular de sua produção.

De acordo com Chauí (1989, p. 19) "a poesia é o cristal onde a nacionalidade pode mirar-se, é o manancial de onde jorra o verdadeiro original da alma popular." Nos versos do poeta de Itapetim podemos notar a singularidade de sua produção, de sua maneira e com os recursos que a vida lhe ofereceu. De acordo com Canclini (2000, p. 161) "no interior estão mais seguros a permanência dos valores culturais, o respeito a tradição e sobretudo, o fato de que as comunidades fazem algo transcendente por eles respeitando sua identidade."

Bastião trata de temas que impressionam, em uma de suas estrofes o poeta se dedica a falar sobre a vida e sua efemeridade. O vate vai elencar a eternidade de nossa alma e o caráter metafísico de nossas lembranças, aspectos profundos da nossa existência que o poeta conhece bem e traduz o seu conhecimento através das rimas, vejamos:

> A impressão que me deu
> É que a vida só é o nome
> E a alma que tá no corpo
> A terra também consome
> Só vai sobrar a lembrança
> Porque a terra não come. (Bastião, 2018, p. 101)

O popular é aquilo que nasce das camadas sociais menos favorecidas. A arte popular trabalhada nesta pesquisa é a poesia de um poeta pernambucano que nasceu em um meio paupérrimo e desenvolveu suas aptidões para o universo das rimas. Conforme Barreto (2024, p. 150) "a linguagem "matuta" dos poetas e as emoções e reflexões exaladas em sua arte causou certo estranhamento inicialmente, mas assim é que se alargam os horizontes de expectativa: pelo estranhamento, pela inquietação, pelo colocar-se em lugar de outrem e experimentar a sua vivência."

Leonardo Bastião brotou em meio ao seio popular e lança sua arte para esse nicho. Um poeta que produz seus versos a partir daquilo que vive, nada em sua produção remete acontecimentos fora de sua realidade. Em sua poética os resquícios são da natureza que o permeia, dos sentimentos que o envolvem e do pertencimento a sua terra. Sendo um poeta culto,

só que instruído pelo nicho que lhe permeia, conforme observamos nas palavras de Canclini (200, p.162) "[...] ser culto implica conhecer esse repertório de bens simbólicos e intervir corretamente nos rituais que o reproduzem."

A esfera do popular não pode ser considerada menor em relação ao erudito, o popular traz opulência e tem muito a oferecer. Visões preconceituosas atrelam que o real conhecimento está apenas no campo erudito, que é o campo letrado, dos acadêmicos e intelectuais. No entanto, a sabedoria popular não é rasa, ela se edifica em pilares profundos, seu alicerce é a experiência de mundo, saberes costumes e práticas que são passadas de geração para geração. Não se deve fazer concessões, principalmente em prol da valorização artística de muitos como Bastião, com tudo aquilo que anseia o âmbito popular seja pormenorizado em virtude dos ataques que lhe são imputados; se impor e mostrar o valor desse campo é primordial.

Muitos consideram que o conhecimento está apenas atrelado ao academicismo, não que estejamos tecendo ataques ou pormenorizando a academia, afinal de contas, estamos aqui pesquisando e dissertando um assunto em busca de um título acadêmico, queremos atingir esse anseio, mas também desejamos defender o conhecimento popular, mostrar a poesia de Bastião para o meio acadêmico e que esse trabalho inspire outras pesquisas que façam apologia a objetos não canônicos no mundo universitário. Ambos os meios têm sua relevância, mas podem coexistir sem que se anulem.

Colocar a produção artística a serviço do povo é buscar horizontes em nosso meio para dissertar os fatos cotidianos, para denunciar injustiças, clamar por atitudes do poder público, a arte tem que estar à disposição do povo. A poesia de Bastião está vinculada a sua gente, o poeta diz aquilo que muitos não saberiam expressar, apenas carregam esse sentimento sem dar vazão. O vate de Itapetim enxerga as dores do seu meio, suscita os valores de sua gente e faz de sua poesia ferramenta de esclarecimento. Vejamos mais uma estrofe do aedo:

> A vida é feita de um sõe
> Que virou realidade
> Pra nascer é nove mês
> Pra morrer não tem idade
> Que o tempo é quem faz a nota
> Com data de validade. (Bastião, 2018, p. 96)

Analisando a sextilha, observa-se que o vate evidencia o caráter sonhador da humanidade, sonhamos e muito do que é imaginado se concretiza ao buscarmos nossos objetivos. Somos gestados por nove meses em média depois o mundo vem à tona, passamos pela infância e adolescência e logo nos deparamos com a vida adulta. Na vida adulta o encantamento que tínhamos na infância geralmente é quebrado, os problemas e as angústias do

cotidiano vão sequestrando a nossa essência. Leonardo Bastião coloca que a vida é perecível tendo data de validade, somos seres finitos e o tempo é quem estabelece isso, o vate deixa bem claro que: “para morrer não tem idade”.

Como esclarece Chauí (1989, p. 108) “a cultura popular é aquela produzida por artistas e intelectuais que optaram por ser povo e se dedicam a conscientização do povo.”. O cidadão desta pesquisa é claramente um intelectual, não aquele intelectual forjado nas academias, mas um intelectual orgânico. O conhecimento de Bastião e a sua capacidade de ler e interpretar o mundo é fascinante. O aedo de Itapetim tem a sua existência atravessada pela cultura popular, falando do que é do seu convívio. A natureza e os dilemas sociais, sendo os motes centrais de sua produção.

Buscar elementos para construção de uma poesia que revela um mundo mais esclarecido, com cidadãos conscientes do seu papel em uma sociedade. A poesia popular está para o povo, bem como o poeta está para notar o cotidiano e extrair dele ensinamentos valiosos. O valor dessa atividade artística é imensurável e o poder de transformação da arte em uma sociedade pode ser avassalador.

Os aspectos do popular na poesia de Leonardo Bastião são evidentes. As realidades tratadas pelo poeta falam de sua gente, não há elementos de fora de seu contexto, tudo aquilo que é poetizado remete as suas identidades e memórias, produzindo aquilo que sente e expressando o mundo a sua maneira; eis o caráter popular da poesia do vate de Itapetim: a inteligência de observar o campo, a cidade e o meio social e transformar aquilo que está disposto no mundo em estrofes que retratam as tradições do seu lugar.

Com mutilações em sua fala pelo fato de não ter sido escolarizado o vate sertanejo constrói os seus versos, sendo que esse linguajar não empobrece a sua produção, pelo contrário, evidenciam o contexto social em que o poeta foi forjado e as especificidades do seu fazer artístico. As vivências nos edificam, somos aquilo que consumimos no mundo, e a forma que Bastião encontrou de ler o mundo e interpretá-lo foi através da visão e da escuta.

O exercício do olhar é algo que merece destaque, pois o olhar de Bastião busca em seu entorno a poesia que está contida na natureza e no meio social, não é apenas olhar o mundo, mas é se sentir tocado por ele, conseguir extrair as tradições e os valores do que está disposto no mundo, depois transpor esse sentimento para o intelecto e só assim expressá-lo através da poesia.

Por outro lado, também merece destaque o escutar, pois a escuta fornece ao poeta as dores e alegrias do mundo. O vate de Itapetim escuta a natureza que o rodeia, no silêncio da sua

solidão, e através dele expressando em sua produção o que isso lhe provoca. Os exercícios de olhar e escutar o mundo são vitais para a produção do poeta.

Com a visão e audição apuradas, Leonardo usa esses sentidos como formas de ler e interpretar o mundo. Ao observar e escutar, o poeta lê o mundo e ao dialogar passa a interpretá-lo, processando aquilo que é visto e escutado e pode agora ser comunicado, sendo assim esse o seu processo de ensino e aprendizagem.

Para o folclorista Romero (1977, p. 129) "o característico da poesia popular é o sentimento de desânimo e opressão, espécie de atonia em grande parte produzida pela aparição periódica do flagelo das secas." Alicerçados nessa definição confirmamos através de uma das produções do Bastião intitulada "a caçada", estrofes essas que foram fruto de uma aventura do poeta em meio a caatinga, vamos observar os exercícios do olhar e do escutar nos versos que seguem, bem como também a opressão e o desânimo contidos em sua fala.

Fui naquela serra um dia
Pra rescordá mais direito
Só fui porque não sabia
Que estava daquele jeito
A casa no pé da serra
Só tem um monte de terra
E nem caco de telha existe
Vi nas curvas do passado
Sonhos que foi sepultado
No mêi de uma história triste.

Como já ia caçando
Resolvi perder o dia
Vi um gavião voando
Que não sei nem ponde ia
Encostei num imbuzeiro
Passei quase o dia inteiro
Nenhum pásso chegou perto
E eu notei que a natureza
Tinha trocado a beleza
Na solidão do deserto.

A seca é como uma guerra
Destruindo os animais
Deixando os restos mortais
Secando em cima da terra
E o gato desce da serra
Sai procurando comida
Mata um lambú na dormida
Come a carne e deixa a pena
Quem ver de perto essa cena
Guarda pra o resto da vida.

Tem passarin que inventa

Fazer casa em gai de angico
Usando os pés e o bico
No lugar da ferramenta
Cava o barro, leva e senta
Sem precisar de servente
Faz a porta diferente
Reboca com barro forte
E faz pra o Sul ou pra o Norte
Pra o sol não entrar na frente.

Fui na serra caçar não achei nada
Onde tinha mocó não tem nenhum
Eu vi dois papa-sebo e um anum
E uma cobra coral inrudiada
Foi num foi eu pisava numa ossada
E desisti de caçar pra não ver osso
E o cachorro latindo fino e grosso
Fui olhar pra saber dizer no fim
Era ele acuado com um sõim
Carregando um filhote no pescoço. (Bastião, 2018, p. 35-36)

Na primeira estrofe observa-se um certo desânimo por parte de Bastião que, ao visitar uma determinada serra que a muito tempo não frequentava, acabou não encontrando mais o casebre que ficava naquela localidade, se deparando apenas com as ruínas do que outrora foi uma moradia; advertindo que, através daqueles destroços, o poeta enxerga sonhos que foram sepultados no local. Hoje as evidências constatadas configuram uma história triste, em que a recordação é o elo entre o passado que foi habitado e vívido, e o presente apenas demarcado pelo arruinamento.

Na segunda estrofe nota-se que o poeta o qual narra os fatos é também o que se coloca na história, sendo assim narrador-personagem. O vate coloca que como já tinha saído para empreitada de caçar iria se dedicar a atividade, encontrando um Gavião (harpia harpyja) que é uma típica ave de rapina dos sertões nordestinos. Em meio a caatinga impressionava a escassez e o flagelo da seca, fauna e flora já não se via por ali. O cenário era um horizonte cinza em que a beleza que outrora se manifestava já não se era vista.

Na terceira estrofe, o poeta elenca, a seu modo, a seca que devasta a região, comparando a seca com uma guerra. O poder de aniquilamento da estiagem associados a violência do campo de batalha. A destruição dos animais devido à escassez hídrica faz do sertão um cemitério de ossadas, a busca pela sobrevivência também é ressaltada pelo vate ao trazer a figura do gato selvagem que desce de sua morada na serra em busca de alimento e captura uma ave na dormida se alimentando de sua carne e deixando os destroços das penas. Em meio a esse cenário

desolador e comovente, o poeta usa desse sentimento para retratar esses fatos nas estrofes que estão sendo aqui analisadas.

Na penúltima estrofe da história narrada, o poeta continua enfatizando elementos que lhe impactaram durante a caçada. Ao encontrar uma morada de barro de um pássaro o trovador se admira com a arquitetura que foi ali desenvolvida pela ave, que utilizou dos poucos recursos que tinha, usando os pés e o bico engendrou sua moradia. Construindo assim seu lar com especial atenção para os pontos cardeais, edificando a entrada do abrigo em uma posição ou para o Sul ou para o Norte, evitando assim a que a incidência solar entre na "casa" do passarinho, possibilitando um espaço agradável, arejado e refugiado das presas.

Na última estrofe da história narrada, o poeta afirma que a caçada foi infrutífera, que quase não encontrou animais por onde percorreu e os que encontrava estavam em disputa pela sobrevivência, em meio as ossadas a caatinga parecia um cemitério a céu aberto. O cachorro que lhe acompanhava quando encontrava alguma presa se tratava de alguns dos poucos animais restantes tentando salvar os seus filhotes da escassez instaurada.

Nas estrofes aqui analisadas, percebe-se a crise hídrica da região que o poeta se debruçou, em meio a um cenário de seca e devastação, a fauna e a flora impactadas e consequentemente a vida do poeta também. Supõe-se que ele saiu atrás de caçar em busca do alimento que estava escasso em sua mesa, e ao chegar na mata não encontra caça alguma, pelo contrário se depara com um cenário de guerra, e as vítimas que a seca fez ainda estavam no campo de batalha. Cenas essas que afetaram Leonardo Bastião, que olhando e escutando aquilo em seu entorno resolveu eternizar a sua caçada nas estrofes que foram aqui expostas.

Os elementos de caráter popular revelados nas estrofes de Bastião refletem suas vivências com seu lugarejo. Observamos que através de uma prática milenar que é a caça o poeta expõe em seus versos uma visão de denúncia do flagelo da seca e dos impactos ambientais que assolavam sua região.

Na literatura do vate itapetinense há uma preocupação evidente com o ecossistema. O planeta é a nossa casa e devemos cuidar e zelar esse patrimônio. A poesia popular pode e deve ser uma forma de denúncia e conscientização de que zelar o meio ambiente é uma atividade premente, afinal de contas o planeta é nossa casa, nosso lar merece respeito e cuidado.

> A literatura popular alimentará as leituras (ou a escuta) da sociedade camponesa, ou de um público mediano situado entre o povo analfabeto e a magra minoria dos letrados, ou ainda, constituirá uma leitura partilhada por toda uma sociedade, que cada grupo decifra à sua maneira, da simples detecção dos signos à leitura corrente? Debates difíceis, mas que em todo o caso indicam que não é simples identificar um nível cultural ou intelectual que

> seria o do popular, a partir de um conjunto de objetos ou de práticas (Chartier,1988, p. 55).

Para Roger Chartier (1988), a literatura popular é quem fomenta o conhecimento em uma sociedade camponesa, entre os alfabetizados e os iletrados existe uma partilha do conhecimento, saber esse que é interpretado de diferentes formas, através do conhecimento prévio de cada indivíduo. Já para Canclini (2006) as manifestações culturais são um processo de imbricamento multinacional, essa articulação sendo flexível entre as partes, acontecendo assim uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar.

Para Peter Burke (2010), nenhuma sociedade pode existir sem poesia popular, o estudioso considera que a poesia é igualmente um cristal em que um sentimento local pode se espelhar, a poesia sendo assim a fonte que traz a superfície o que há de verdadeiramente original na alma do povo. Leonardo com sua poesia traz a originalidade dos valores e da história das tradições que permeiam o seu povo.

Não é fácil a identificação dos níveis culturais e intelectuais do que estaria atrelado ao popular, que sempre é atrelado ao simplório, mas também pode revelar complexidade, temos que acabar com a noção que o conhecimento popular é pouco desenvolvido. O popular passa por experimentações ele é fruto das gerações passadas e floresce através das práticas e representações do que foi praticado no passado sendo implementado no presente.

Marilena Chauí (1989) esclarece que existem dois povos e, consequentemente, duas culturas populares. Sendo uma a do povo atrasado, inconsciente e inculto e a outra do povo consciente, culto e avançado. No entanto, Leonardo Bastião não se enquadra no que evidencia a filósofa brasileira, pois o poeta, apesar de não ser escolarizado, não pode ser taxado de inculto, nem muito menos de inconsciente. Todavia, o poeta também não se enquadra no segundo grupo cultural, que considera a cultura popular enquanto culta, consciente e avançada. Desse modo, as segregações propostas não enquadram suficientemente tudo que se trata de cultura popular, ou seja, a redução a duas esferas se torna ineficaz e insuficiente.

O poeta aqui estudado será posto em uma terceira esfera da cultura popular, âmbito não concebido por Chauí. Vamos elencar o vate de Itapetim como uma pessoa culta ao seu modo, com os recursos e os conhecimentos que lhe chegaram. Aqui também o consideramos consciente de tudo aquilo que acontece no mundo, claro que no seu mundo, na sua região.

Definir ou rotular a esfera do popular pode tornar-se uma missão infrutífera, mas podemos fazer análises de casos, de obras e da produção literária, essa última é o que vislumbramos neste trabalho, evidenciando o caráter popular impressos em seu trabalho. Já que

para Canclini (2000, p. 209) “o conhecimento do mundo popular já não é requerido apenas para formar nações modernas integradas, mas também para libertar os oprimidos e resolver as lutas entre as classes.”

Observando a forma como suas estrofes são construídas, os assuntos que são abordados e como isso está ligado com o popular, declaramos aqui que toda sua produção está dialogando intimamente com esse nicho, pois os seus versos falam da sua gente, retratam a sua região e imprimem o sentimento de identificação com todos esses aspectos, tudo que é verbalizado em sua obra é exposto com muita convicção e propriedade.

Retratando o que se vive, produzindo aquilo que se experencia e forjando os seus versos nas ligas da sensibilidade, realçando a natureza, expondo as belezas da nossa fauna e flora, mas também pontuando o que é triste e desolador, com denúncias aos descasos públicos, avisos sobre impactos climáticos, sátiras e ironias a acontecimentos do mundo globalizado.

Em 1970, época em que uma grande seca assolava a região pernambucana, Costa destaca que (2007, p.231) “lembramos que ainda não tínhamos água encanada na cidade, éramos servidos pela água da Barragem do padre, postas pelos próprios moradores com latas. [...] daí a barragem veio a secar”. Como bem observado foi uma época em que o flagelo da seca massacrou a cidade das pedras soltas. Leonardo nesse ano foi obrigado a viajar em busca de melhores condições e o destino escolhido foi a cidade de Brasília, a capital federal. Sobre essa viagem, o vate nos deixa as seguintes estrofes:

> Deixei mulé, fi e filha
> Sem emprego e sem inverno
> E passei três meis no inferno
> Sendo servente em brasilha
> Porque longe da familha
> A solidão arrebenta
> E quando a saudade inventa
> De fazê o que fez comigo
> Em mil palavras eu num digo
> O que sofri em setenta.
>
> Logo no primeiro dia
> Foi logo dando uma zica
> Me intregaru uma jirica
> Que eu ainda não conhecia
> Que aqui no Norte eu sabia
> Que jirica era jumenta
> E lá era uma ferramenta
> Que quase acaba comigo
> Em mil palavras eu não digo
> O que sofri em setenta (Bastião, 2018, p. 31).

Padecendo as duras penas da seca de 1970, vitimado pela estiagem, fome e descaso social, Leonardo Bastião, com seus filhos e esposa sofrendo, resolveu migrar em busca de melhorias e fomento para sua família, o destino como já ressaltamos foi a capital federal e o trabalho seria a construção civil, atuando como servente de pedreiro. Ele que nunca tinha viajado, chegando em Brasília se depara com uma selva de pedras. Tudo aquilo era novidade para o aedo que estranhou muito o local, nada lhe agradava na cidade.

Analisando a primeira estrofe construída em cima do mote, "em mil palavras eu num digo/ o que sofri em setenta", Leonardo vai elencar que conseguiu apenas conviver e trabalhar naquele local por três meses, trimestre de súplicas e desolações, comparando a vida que levou naquele setor a morar no inferno. A solidão nesse período foi sua principal companhia, a saudade de sua família e de gleba natal massacravam o poeta.

Com relação ao trabalho desenvolvido enquanto servente de pedreiro, logo em seu primeiro dia de serviço lhe deram uma "jirica" como ferramenta, Bastião de prontidão estranhou aquilo, evidenciando que na sua região "jirica" era um apelido atribuído a jumenta, porém ali representava algo totalmente diferente. Tratava-se de uma carroça de mão, ferramenta que conforme é ressaltado na estrofe, quase acaba com o poeta devido ao grande peso que era colocado para ser transportado diariamente no canteiro de obras.

Assim, o itapetinense que migrou em busca de melhorias adoeceu naquele contexto, não conseguiu quase nada de recursos que pudessem vir auxiliar sua família, e acabou voltando para seu rincão, onde a cruel seca desolava os habitantes. As marcas que os acontecimentos impuseram na vida de do autor são refletidas de forma triste em sua poética, como bem observamos na produção em evidência.

O êxodo rural praticado por muitos na época de 1970 refletiam a busca de esperanças e recursos, mas em muitas das vezes o sertanejo migrante não encontrava o que necessitava, era vítima de uma jornada de trabalho desumana, ganhando muito pouco frente ao que produzia com seu trabalho. A busca por uma esperança não refletia em seus objetivos, o que levou muitos migrantes que viajaram e depois regressaram aos seus torrões natais. Bastião foi um dos tantos que não encontrou refúgio na migração e acabou regressando a sua relva.

Estabelecemos aqui os contrates entre uma literatura erudita e popular esboçando assim o caráter popular da produção de Leonardo. Encerramos esse capítulo e agora voltaremos o nosso olhar para outra temática contundente e que merece ser destacada nesta pesquisa, que é justamente os laços com a religiosidade e como o divino e a natureza sãos expressos em sua poesia.

4 OS LAÇOS COM A RELIGIOSIDADE E AS SÁTIRAS EM SUA OBRA

Neste capítulo será analisado como Leonardo Bastião expõe sua relação com a religiosidade em sua obra, incluindo algumas sátiras e ironias presentes em sua literatura. Serão observadas determinadas estrofes em que esses elementos estão contidos e, também, as ligações do poeta com o divino e como o sagrado é idealizado.

Para a maioria dos poetas, inclusive Bastião, a fonte de inspiração maior para a produção dos seus versos parte de Deus. Sendo o elemento divino o responsável pelas incitações poéticas, e o poeta sendo apenas o canal de transmissão. As palavras tem o poder de ligar o mundo divino a esfera terrestre, o poeta pode ser colocado aqui como uma espécie de apóstolo encarregado de levar mensagens a sua gente através do seu dom de fazer poesias.

Leonardo é aquilo que Peter Burke (2010) vai chamar de portador ativo da tradição popular, sendo a poesia a sua tradição, e portadores ativos de tradições são minorias em nossa sociedade, sendo assim Bastião é um guardião e mantenedor de sua cultura, pois propaga os seus valores e evidencia o caráter divino em sua obra, como veremos em algumas de suas estrofes.

> Quando eu olho pra o céu vejo uma luz
> E naquela não tem transformador
> E foi na terra que a vida se criou
> Não tem outro puder sem ser jesus
> Os pecados que eu fiz foi minha cruz
> Sou matuto, mas Deus me deu um guia
> E por detrás de uma nuvem de água fria
> Vejo um milagre acontecer qualquer hora
> E Deus só deixou eu viver até agora
> Que uma coisa de mim ele queria (Bastião, 2018, p.11).

A chuva é um milagre nas palavras do poeta, que renova os campos do Pajeú, trazendo vida para a paisagem que antes se encontrava morta. Outra peculiaridade esboçada acima é a questão de que “Deus precisa do poeta”, e por essa razão que ainda o deixar viver, a inquietação que deixamos aqui é: para que Deus precisaria do vate? Será que sua poesia tem mensagens do divino para serem evidenciadas a sociedade? Ou tudo isso foi uma mera elocubração do poeta?

Observando a estrofe elencada, evidencia-se a subserviência do poeta em relação a Jesus. Leonardo se coloca enquanto pecador e agradece ao pai da criação por ter lhe dado um guia em sua existência, norte esse que julgo ser a poesia, pois é a arte quem o orienta. O bem comum em prol do seu próximo é elemento basilar na produção do autor, e quando o mal é praticado, as instâncias divinas tomam as providências através da lógica do castigo, como podemos constatar na estrofe seguinte:

Esse poema maltrata
Quem tá no camim errado
Fazer o bem é preciso
Fazer o mal é pecado
Na terra o home domina
Mas na justiça divina
Não existe advogado (Bastião, 2018, p. 91).

Na lógica defendida pelo trovador, quem pratica o mal com seu semelhante além de estar cometendo um pecado pagará as duras sentenças, não no plano material, mas no espiritual, já que Leonardo acredita que Cristo é o nosso advogado e estará julgando nossos erros e acertos no plano celestial. Os dogmas e crendices esboçados mostram como Bastião permanece intimamente preso aos preceitos do cristianismo.

"Deus é um grande poeta", Leonardo sempre expressa essa fala em suas produções, ter nascido em um meio poético e desenvolvido esse dom o colocam enquanto um cidadão diferenciado em relação aos outros. Enxergar o mundo através das lentes da poesia é algo que impressiona a quem tem acesso ao seu mundo, que é simples, sem tanta complexidade, mas para o observador é justamente isso que causa vislumbre.

Não é apenas na literatura do bardo de Itapetim que Deus obtém destaque, a maioria dos poetas reverenciam o Divino em suas produções, os milagres, as curas, as devoções e as promessas são alguns dos fatos que são pautados em seus versos. O autor aqui em destaque sempre evidencia sua gratidão ao divino, mas também comete sacrilégios ao esboçar sátiras em sua literatura.

Relacionar-se com o Divino através da arte requer que a subjetividade contida em nosso ser abra espaço para o acolhimento do outro. Refugiar a divindade seria buscar na natureza, na sociedade e em nosso meio elementos que pudessem expressar o divino em sua materialidade, o nascer do sol, as fases da lua, os filhotes de animais, gestos de amor com o próximo, tudo isso podendo ser considerado revelações do celeste. Dizem os ditos populares que Deus reside nos detalhes. O poeta consegue enxergar o divino através de muitos episódios cotidianos.

Com as centelhas do divino que estão dispostas no plano sensível Bastião as capta e concebe através da oralidade em suas estrofes. Deus e Jesus são figuras que tem um destaque em sua obra, no índice de livro podemos observar expressamente pelo menos quatro títulos que fazem menção diretamente a esses personagens, sendo: *Jesus, Adão e Eva; Em frente à igreja; O segredo de Deus e o Jumento de Jesus*. No decorrer deste capítulo evidenciaremos melhor a produção do vate de Itapetim sobre os títulos elencados.

4.1 DEUS É POETA, COMO O DIVINO SE REVELA NA OBRA DE BASTIÃO?

Dentre as facetas que o poeta concebe em suas invencionices Deus, Jesus e alguns santos do sincretismo católico estão evidenciados na produção do autor. Nesse capítulo será estabelecida uma análise dos versos concebidos por Bastião, pontuando o contexto histórico em que os mesmos foram produzidos e ressaltamos a importância da divindade em sua obra.

O Divino, na percepção apresentada por Bastião, é uma força que traz alento para o coração dos oprimidos, que renova as esperanças dos que caminham a esmo pelos meandros da existência. Sua relação é de muita intimidade com Deus, sendo este o ser que lhe oferece acalanto e ameniza as angústias. Na solidão do seu aposento, talvez encontrar na divindade uma companhia seja uma saída para esperançar o amanhã. Dormir e acordar para Bastião são graças divinas. Então vejamos:

> Eu vejo Deus todo dia
> Em tudo que ele fez
> Vou dormir pensando nele
> Me acordo antes das seis
> Eu sinto que é Deus querendo
> Que eu veja o mundo outra vez (Ferreira, 2024, p.7).

A devoção do poeta pelo Divino permeia toda sua obra. A estrofe acima é apenas um dos exemplos recortados. Bastião expressa que vê Deus em seu cotidiano através das obras de sua criação. Dormir e acordar sobre a interseção do arquiteto do universo só acontece enquanto uma dádiva. O divino se revela de forma plena na obra do vate de Itapetim. Ora remetendo os feitos do universo, a existência humana a Deus, ora citando Jesus, mas sempre com os pés fincados no cristianismo e nos dogmas do catolicismo. Bastião não é um católico praticante e assíduo nos ritos de sua igreja, mas professa a sua fé de maneira particular, seguindo os preceitos de sua religião.

Os sentidos para a relação da poesia com Deus são claros. Na produção literária aqui estudada, a tarefa do pesquisador é analisar e interpretar os textos poéticos para só então lançar mão de um diálogo da poesia produzida e sua conexão com o divino. Pois, na divindade se chega ao milagre, conforme Chauí (1989, p. 83) “nas religiões populares o milagre é rotina simples, fidelidade mútua entre as divindades e os fiéis, com ou sem ajuda de uma igreja ou de mediadores.”

A linguagem poética de Bastião e o Divino estão entrelaçadas, parece até que a experiência poética e a experiência com o Divino são uma coisa só, pautamos isso tendo em vista a relação do poeta com a natureza, que aqui entendemos como uma das obras criadas por

Deus, ao ter contato com a flora e produzir poesias sobre ela, nota-se que é claramente Deus e a poesia juntos no que é então elaborado pelo poeta.

A atividade de produzir poesias pode ser considerada um fenômeno de natureza epifânica reveladora, em um recorte das estrofes de Bastião no poema: Em frente à igreja, vamos constatar a evidência da relação entre o eu lírico e o sagrado:

> Não sei como é que resisto
> Sem nunca andar na igreja
> Bendito e louvado seja
> Nosso senhor Jesus Cristo
> Missa no rádio eu assisto
> Sou católico e acompanho
> Mas mesmo assim sendo estranho
> Deus me dá água e comida
> Sou uma ovelha perdida
> Mas não esqueço o rebanho.
>
> Eu resolvi a fazer
> Um verso com essa igreja
> Que o povo daqui deseja
> Um milagre acontecer
> Sou católico e tem prazer
> De assistir missa nela
> E essa boniteza dela
> De Itapetim vale a pena
> E o padre Ademar de Lucena
> Foi quem mais zelou por ela (Bastião, 2018, p. 50).

Bastião não é um católico praticante, como já foi citado anteriormente, nessas estrofes ele próprio afirma essa condição. No entanto, mesmo se colocando como "uma ovelha perdida", também diz não esquecer o rebanho, de que também é parte. Mesmo frequentando pouco a matriz de São Pedro, o poeta ressalta que se sente bem quando porventura vai às missas, busca assim refúgio e deseja que milagres possam acontecer em benefício dos seus irmãos em cristo, conforme Chauí (1989, p. 83) "(...) o milagre é acontecimento extraordinário que rompe a ordem natural das coisas, graças à vontade onipotente de Deus."

O sagrado é uma espécie de farol para o poeta, servindo-lhe de bússola em sua produção. Já a fé é um atributo que traz acalanto, conforta e regozija fazendo com que o mesmo não se desvencilhe de sua jornada. A poesia, a religião e o cotidiano estão imbrincados em sua obra, esses aspectos criam uma interface da representação de um Deus enquanto poeta, possibilitando a afinidade do sagrado com as vivências simples do fazedor de versos.

A relação de Bastião com o Sagrado é evidenciada por ele a todo momento. Para Eliade (1992, p. 12) "o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades "naturais". O poeta busca justamente o que lhe falta em sua realidade, trazendo em

forma de palavras aquilo que antes não era perceptível, tem uma sensibilidade diferente naquilo que advém do sagrado, pois o sagrado é puro e imaculado, e quando esse é dito em forma de poesia tais atributos lhe são repassados.

O poeta em questão cultua o Sagrado, mas também tece sacrilégios. Em uma de suas poesias, intitulada: *Jesus, Adão e Eva,* o vate se debruça sobre a história universal tecendo uma satírica sobre a narrativa bíblica. Com uma visão preconceituosa ironiza os personagens bíblicos, vejamos na íntegra:

Jesus quando *vêi* ao mundo
Se alimentava da fé
Nunca bebeu uma cana
Não gostava de café
Morreu com trinta e três ano
E nunca foi num cabaré.

A história de Adão
Quem escreveu foi sabido
Inventou aquele barro
E um fruto proibido
Botou a culpa na cobra
E deixou o mundo perdido.

A fruta que Adão comeu
Eu acho que era doce
Comeu a fruta na quinta
Na sexta-feira montou-se
Só desmontou na segunda
Depois que a cama quebrou-se.

Adão era um vagabundo
E Eva um feiticeira
E diz que foi a primeira
Mulé que tomou no fundo
E o desmantelo do mundo
Quem fez foi Eva e Adão
Caim matou o irmão
E Adão se fez que não via
E os *fios* que Eva paria
Era viado e ladrão.

Adão pegava na fruta
Mas não queria comer
uma cobra *vêi* dizer
Coma que é doce e enxuta
Eva ainda era matuta
Deu a "goiaba" e no fim
Apareceu um Caim
Abel nasceu por detrás
E a fábrica não parou mais
De fabricar gente ruim (Bastião, 2018, p. 44-45).

A ironia, o sarcasmo e a acidez na poética de Bastião são expressos nas estrofes elencadas. O poeta, que é de raízes católicas, acaba fazendo escárnio inclusive sobre a figura de Jesus, pontuando que o Messias viveu trinta e três anos e sequer frequentou um prostíbulo. É interessante observamos as distorções que o vate faz através de sua oralidade, deturpações essas conscientes e claras, que visam o espanto dos expectadores.

Nas estrofes descritas, o autor ataca dogmas do catolicismo ao ironizar personagens sagrados, alcançando a moral dos religiosos, em um tom preconceituoso e com resquícios de misoginia. Ao destacar os personagens de Adão e Eva, elenca que quem idealizou a história desses papéis foi astuto, pois o barro enquanto causa material para a feitura do ser humano e idealizou a maçã como sendo o fruto proibido, a partir da representação desses elementos o mal passou a ser proliferado no mundo.

O poeta vai destacar que "Adão era um vagabundo e Eva uma feiticeira", estigmatizando a imagem dessas figuras e reforçando que o pecado original é fruto da desobediência desse casal. O autor vai mais longe, as suas sátiras denotam que até os rebentos frutos do casal eram "viados" e ladrões. É impactante para o leitor escutar a visão da história sagrada sob esse prisma. Há uma jocosidade nos versos narrados. Até mesmo o mais crítico leitor vai voltar o seu entendimento para as circunstâncias nas quais os versos foram construídos, a bíblia e sua interpretação por parte do autor figuram de uma forma completamente avessa ao que é habitual.

A poesia aqui estudada possui traços cômicos, carrega um humor ácido e tido até como proibido para muitos. Há quem goste dessa vertente, mas também quem teça duras críticas. Entretanto, Leonardo continua agradando ou não ao compor seus versos, colocando-se enquanto indiferente as eventuais críticas que possa vir a receber, continua trazendo irreverência e suscitando cenários novos que são palcos para construção de identidade. Conforme Canclini (2006. p.138) "[...] a identidade é uma construção, mas o relato artístico, folclórico e comunicacional que a constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis à encenação".

A identidade que é construída em sua produção permeia muitos horizontes, quero aqui também destacar a perspectiva fescenina, já que ele gosta de trabalhar com o gracejo em sua poesia. Os versos de cunho fesceninos[5] que são atribuídos em linguagem lasciva e licenciosa, tiveram origem na cidade de Fescênia, Itália. Agregando elementos cômicos, palavrões e gírias

[5] FERREIRA, Neto. **Entre o literário e o filosófico:** Patativa do Assaré e Leonardo Bastião. Campina Grande: Nativa edições, 2021.

que dão uma roupagem diferente a sua poesia, atraindo assim um público distinto para apreciar essa poeticidade.

Conforme Costa e Passos (2013) quando Leonardo apreciava tomar umas bicadas de cana, tinha a fama de fazer versos de esculhambação. Apesar do seu grande carinho pela terra que lhe gerou, em dada oportunidade, melancólico com alguém, fez a estrofe que esboça o caráter fescenino de sua poesia:

> Aqui tem puta demais
> E corno tem mais de mil
> Pois se puta fosse bala
> E corno fosse fuzil
> Só bastava Itapetim
> Pra defender o Brasil (Costa; Passos, p. 507).

Sem se dar conta dos horizontes que estão imbrincados em sua arte, Leonardo extrapola barreiras geográficas em sua literatura, bebe em outras fontes, embora não queira cortar o cordão umbilical que lhe alimenta, cordão esse sendo o Vale do Pajeú das Flores. O imaginário popular de sua sociedade é a fonte que abastece dando-lhe as aptidões necessárias para fomentar a sua literatura. De acordo com Ferreira (2017, p. 61) "ao ler uma poesia, mergulhamos no mundo sensível do poeta e tornamos a fazer parte de sua vida, sendo afetados pelo que ele sentiu, imaginou e criou."

Conforme Shelley (2008) a poesia em seu sentido comum, deve ser assim compreendida como a expressão da imaginação: a poesia sendo então inata a origem do homem. O homem é o instrumento pelo qual uma série de impressões tanto internas quanto externas são conduzidas. É o poeta, em seu sentido mais universal da palavra, quem expressa a influência da sociedade sobre suas próprias mentes. O poeta assim sendo o arquiteto da comunicação com os outros, é ele que consegue pôr em sua poesia uma realidade que abarque a imaginação coletiva de um grupo.

A sagacidade do poeta aqui estudado merece proeminência. O sagrado é um dos temas de sua produção, Deus, Jesus e outros personagens bíblicos sendo destacados. O poeta traz associações com o divino e articula em sua poesia essa relação junto ao contexto em que reside, na poesia o segredo de Jesus isso fica claro, vejamos:

> Nasci no sítio goiana
> Me criei sem estudar
> Só aprendi a plantar
> Tirar marva e gitirana
> Notei que o doce da cana
> Foi Jesus que colocou
> E o restinho que sobrou

Ficou adoçando a fruta
Que vinga adispois da flor.

Deus fez tudo diferente
Pra o cientista ter medo
Botou doce na laranja
E deixou o limão azedo
Criado na mesma terra
Onde escondeu o segredo (Bastião, 2018, p. 54).

Em uma relação íntima com o sagrado, Leonardo nos mostra que o divino está presente na natureza, revelando-se através dela, o doce da cana que Bastião evidencia em sua poesia sendo uma dessas aparições. O poeta, com sua mente aguçada, nos traz os segredos de Deus, conforme o título de sua poesia, atrelando o limão e a laranja, ambos cultivados na mesma terra, só que com nuances diferentes, gosto esse que segundo o poeta é o criador quem coloca.

Para Shelley (2008, p. 89) "a poesia age de outra maneira, mais divina. Esta dispersa e alarga a própria mente por fazê-la o receptáculo de mil combinações de pensamentos misteriosos." O divino tem esse tom de mistério, e na poesia há muitos arcanos, por isso o divino e a arte se entrelaçam tão bem. Dentre esses mistérios, Bastião ressalta os versos intitulados: *O segredo de Deus:*

Nasci no sitio Goiana
Me criei sem estudar
Só aprendi a prantar
Tirar marva e gitirana
Notei que o doce da cana
Foi Jesus quem colocou
E o restinho que sobrou
Ficou adoçando a fruta
Que vinga adispois da flor.

Deus fez tudo diferente
Pra o cientista ter medo
Botou doce na laranja
E deixou o limão azedo
Criado na mesma terra
Onde escondeu o segredo.

Café na casa de pobre
É difici um com mistura
E se o almoço for puro
A janta também é pura
Que essa palavra pobreza
Não se une com fartura (Bastião,2018, p.54).

Conforme observado, cada verso do cidadão de Itapetim traz consigo a carga do pertencimento com sua relva. Ter nascido no Sítio Goiana, desprovido do essencial para

manter-se vivo, moldou o indivíduo em questão. Sua única sustentação era sua fé, buscava então nos dogmas no catolicismo a energia necessária para triunfar diante o cenário de incertezas.

Defende Ferreira (2018, p. 166) que "por isso o poeta é o grande alquimista que transforma as pedras, os riachos, os morros, os vales, os animais e os vegetais em seres de poesia, metamorfoseados em palavras sentimentais." Trabalhando com a sinestesia[6] mesmo sem saber o que ela representa Bastião consegue urdir os sentidos em seus versos, seu lado sensorial aflorado permite unir tato, visão e olfato em sua poética.

As sátiras com o divino em sua poética, no trabalho intitulado *O jumento de Jesus,* serão expostas com riqueza de detalhes como se deu no imaginário do segrel do Pajeú, as andanças de Jesus na terra, na qual seu fiel escudeiro e transporte para as longas léguas encaradas a sol a pino era o Jumento, vejamos:

> Jesus quando andou no mundo
> Tinha pouco movimento
> Se a história for verdade
> O seu maior sofrimento
> Foi passar trinta e três anos
> Escanchado num jumento.
>
> Dizem que aquele jumento
> Andava em todo lugar
> Do jeito que o mundo é grande
> E jumento é devagar
> Eu sou mais um dos que vai
> Morrer sem acreditar.
>
> Eu não posso acreditar
> Porque jumento é cansado
> Que pra andar o mundo todo
> Com Jesus Cristo montado
> Ou era feito de aço
> Ou Deus não era pesado
>
> E aquele jumentin véi
> Que Jesus andou montado
> Se ele ainda tiver vivo
> Vai tá cego e alejado
> Que até a cruz acabou-se
> Pra não lembrar do passado (Bastião, 2018, p. 61-62).

Percebe-se que os sarcasmos em torno da produção em destaque é algo que coloca em xeque a existência do divino, aliás, não a existência, mas a forma como foi contada a história universal. Na primeira estrofe, o escárnio é posto no jumento como meio de transporte de Jesus,

[6] Figura de linguagem que cruza os sentidos em uma expressão. (nota do autor)

o autor declara que foi grande o sofrimento de Cristo encarando as longas distâncias no lombo desse animal. Na estrofe seguinte, fica claro a incredulidade de Bastião: “Do jeito que o mundo é grande/ E jumento é devagar/ Eu sou mais um dos que vai/ Morrer sem acreditar.” Apesar de fiel a sua fé, o bardo com sua forma poética descortina os olhares do leitor para algo que por muitos não é percebido.

4.2 COMO A NATUREZA SE REVELA EM SUA OBRA?

A natureza é, sem sombra de dúvidas, a bússola da produção de Leonardo. No livro *Minha Herança de Matuto* (2018) na maioria dos versos que são destacados na obra nota-se evidências claras da natureza em sua verve. Vamos elencar o nascedouro da poesia do bardo aqui estudado através daquilo que se percebe na caatinga sertaneja.

A poesia e a natureza se entrelaçam no limiar da existência do homem sertanejo. Itapetim traz consigo de acordo com Costa e Passos (2013) as notórias expressões desse território que sofreu influências da região das Espinharas e do Vale do Sabugi, a cantoria permeou o Pajeú, Moxotó, Agreste, Cariri, Brejo e Curimataú, e em matéria de repente a Paraíba e o Pernambuco comungam de valores bem semelhantes por essa tradição. Dissertando sumariamente sobre os territórios que vertem extensões sobre a arte do improviso, percebemos que Bastião fala sobre onde nasce a poesia quer avultar além dos valores naturais de sua terra o pertencimento, vejamos:

> Toda vez que passo aqui
> Tem vontade de fazer
> Um verso de improviso
> E guardar pra não esquecer
> Que poesia é da terra
> E brota até sem chover.
>
> Aqui eu quero dizer
> Que nasci em Itapetim
> Lá tem mais de cem poeta
> E aqui também é assim
> Quem dividiu poesia
> Deixou um pouco pra mim.
>
> Tô me acabando no rancho
> Que a poesia rasteja
> Da rua não vejo o rancho
> E do rancho eu vejo a igreja
> De frente o Ri Pajeú
> Onde o milagre despeja (Bastião, 2018, p. 14).

Propõe Ferreira (2018) que a expressão da biodiversidade nos vales do sertão segue ampliando a dimensão do campesino para um estágio de profunda conexão, que transforma sua

vida e muda a sua expressão. Na poética aqui tratada isso acontece, em cada palavra descrita nos versos apresentados a natureza revela-se enquanto parte do homem sertanejo, não é algo que se encontra separado, caminham juntos e dialogam nas veredas da existência.

A terra é a matéria que entrelaça a inspiração ao fazer artístico, "que poesia é da terra/ e brota até sem chover", pois, nesse campo o elemento da chuva é desnecessário, os sentidos sim, são importantes, vingam a poeticidade na alma do artista. Desde seu nascimento a natureza foi como uma ama de leite, que alimentava o ser do poeta, como bem podemos identificar esses resquícios nas sextilhas que seguem:

> A casinha onde eu nasci
> Fiz meu primeiro alimento
> Hoje só resta os torrão
> Provando meu nascimento
> Só quem visita é três coisa
> A chuva o sol e o vento.
>
> Naquele chão poerento
> Nasceu jurema e cresceu
> Com galha que entortou tanto
> Que enrolou tanto e desceu
> Chega parece ser letra
> Que a natureza escreveu (Ferreira, 2024, p. 99).

Ao falar sobre sua infância são relembradas as ruínas que o tempo lhe deixou, não apenas fisicamente, mas esses destroços mexem com a percepção do ser poeta, que mesmo sem saber decifrar as letras da academia, de sua maneira através das lentes da imaginação, nota que aprende com o seu meio, através do ecossistema.

As ciências naturais são a matéria do poeta, é sobre essa temática que se debruça a grande maioria dos menestréis. Enxergar nas cascas da madeira da caatinga alento para produção de poesia e descrever o sertão dos excluídos é incluir seus semelhantes na história, evitando silenciamentos e povoando os ideais de pertencimento na nação.

O autor de Itapetim mostra íntima relação com a natureza, ao descrever em seus versos a chegada da invernia vamos observar a riqueza de detalhes impressa em sua poética, o diálogo entre fauna e flora e a alegria do povo sertanejo com a água pingando nas biqueiras. Leonardo consegue através de sua oralidade colocar o leitor para "viver" o que ele retrata, a sinestesia impressa em seus versos tem esse poder de cativar e transportar quem acessa sua arte.

> Na primeira trovoada
> O sapo dá um gemido
> A galinha cobre os pinto
> O bode fica incuido

E o sabiá só não canta
Se tiver com dor de ouvido.

É bonito o estampido
Do rebombar do trovão
Cachorro sai na carreira
Pensando que é foguetão
Sai de casa em fevereiro
E só vem depois do São João.

Quando chove no sertão
Melhora o doce da cana
Um sapo se monta nôto
Entra no ri e se dana
Fazendo amor na enchente
Curtindo o fim de semana (Bastião, 2018, p. 48).

As relações entre os animais na passagem da invernia são descritas mostrando singeleza e opulência de detalhes. A simbiose entre a fauna e a flora é revelada através da poética de Bastião, advento esse que aguça a percepção do leitor, transportando-o para dentro da cena escrita. O autor aqui evidenciado é um cidadão diferente entre seus pares, sua oralidade atinge horizontes da linguagem que apenas quem faz parte do dito cânone literário conseguiria atingir.

A fama do cidadão aqui estudado vence barreiras geográficas, sua produção circula pelas mídias sociais e a natureza da caatinga que o permeia é propagada pelos outros biomas do Brasil, quiçá do mundo. Advoga Menezes (2004) que a atividade poética é afeita à fraternidade despretensiosa dos atos diários, bem como a doçura que desce do engenho da favorável vivência, ali a poesia oferece em toda sua plenitude um âmago aplausível de sentido único: a natureza, falar dela é se remeter a vida.

A exposição da poética de Leonardo é mantenedora das identidades culturais que revelam a galeria museal do seu passado. A natureza esboça inúmeros exemplos de cooperação entre os seus seres, nas relações ecológicas quero aqui destacar o fenômeno do mutualismo, sendo um feito que acontece entre espécies distintas, em que ambas se beneficiam, garantindo assim seus recursos. O autor aqui elencado esboça essa prática através do trabalho intitulado, o beija-flor:

Beija-flor não canta nada
Mas mesmo assim dá um shô
Que aprendeu fazer zuada
Que imita o ventilador
E com o bico espanta as abelha
Pra puder beijar a flor.

O beija-flor no verão
Quer beijar a flor e não acha

Faz nin em urtiga baixa
Um metro acima do chão
Só faz o nin de algodão
Porque o fri não castiga
E é bom que o poeta diga
Que beija-flor tem segredo
E sabe que a cobra tem medo
De subir em pé de urtiga (Bastião, 2018, p. 78).

Além da relação mutualista na qual o beija-flor atua como correio genético, canalizando pólen entre as flores enquanto se alimenta do seu néctar. O mimetismo é outra prática que Bastião elucida em seus versos, através da camuflagem do ninho da ave, e ainda a localização escolhida para a feitura do berço dos filhotes sendo segura e de difícil acesso, evitando assim que os predadores cheguem a esse refúgio.

No reino da natureza, Leonardo enxerga o ecossistema como ser, os rios, a mata, tudo que permeia a construção do meio natural na poética do autor aqui estudado esses elementos são sujeitos com autonomia perante o fluxo existencial, portanto, interage e impõe limitações bem como é agente ativo na evolução da sociedade humana. No diálogo com a natureza vejamos as nuances dos seguintes versos:

Eu peguei uma fulô
Misturei com outras flores
Pra tirar desen das cores
Que a natureza criou
Como eu queria era a cor
Separei as amarelas
E tirei cinco daquelas
Das cores que brilham mais
E a branca saiu em paz
Vencendo de todas elas

Peguei uma cuduni
Na intenção de matar
Firmei a beleza dela
E soltei pra produzir
Na hora deu pra sentir
Que a decisão foi honesta
Matar os passo não presta
Que além de ser malvadeza
Tá destruindo a beleza
Que Deus deixou na floresta.

Quem adora a natureza
Protege o meio ambiente
Planta mais uma semente
Pra aumentar a riqueza
Pra defender a beleza
Só existe esse camin
Nunca pegue um passarin

Pra vender ele na feira
Não corte um pé de fruteira
Nem mate um passo no nin.

A aranha chega e fica
No mei de quaiqué garrancho
Faz linha, enrola e estica
Mas tudo quanto fabrica
Fica sem ter serventia
Que depois a ventania
Passa rasgando o tecido
Que eu só acho parecido
Com rede de pescaria.

A abelha de cupira
Na profissão de doceira
Fabrica o mel e a cera
Faz pouco, mas admira
De toda fruta ela tira
Doce sabor e mistura
Faz mel depois que apura
Fica todin de uma cor
E ainda tem o sabor
Da graviola madura.

Dizem que camaleão
Quando inventa de arengá
Tem uma serra no lombo
Mas não usa pra brigá
Mas quando levanta o rabo
De qualquer jeito ele dá (Bastião, 2018, p. 68-69).

As cores, aromas e texturas são acessadas através das estrofes do autor. A natureza oferece os recursos necessários ao poeta para conceber sua obra. As flores são fragmentos vivos do sujeito que é o ecossistema, a biodiversidade se apresenta nas minúcias das práticas orais descritas. Na primeira estrofe percebemos a seleção que o travador faz dentro do seu nicho, procurando flores e se embriagando com os aromas da sensibilidade, nas pétalas brancas de uma rosa encontra o encantamento que assim procurava para suscitar em sua poética.

Entrelaçando as raízes do seu chão caboclo com a relva pajeuzeira, Leonardo não é apenas guardião das heranças culturais da sua terra, mas também defensor ativo e voraz do meio-ambiente. Na segunda e terceira estrofe, percebe-se sua apologia em defesa da fauna, e a conscientização para não matarmos os pássaros de nosso bioma, bem como evitarmos a prática de engaiolar as aves e comercializá-las como produtos na feira.

A aranha, a abelha de cupira e o camaleão são os três animais descritos nas estrofes seguintes. Sobre a primeira, o autor evidencia a candura nas teias que são produzidas e a fragilidade dessa produção, que funciona como abrigo, proteção e também mecanismo de caça.

Com a relação à abelha de cupira, Bastião vai admirar a sua aptidão na produção do mel, sendo essa seu oficio na natureza, em analogia a uma doceira no convívio humano, conseguindo imprimir o sabor em sua produção através das matérias primas coletadas na natureza. Por último o camaleão e seu mecanismos de defesa, o rabo dessa espécie como uma arma para afugentar os predadores.

Ficam evidentes os horizontes que Leonardo Bastião consegue imprimir em sua oralidade através da observação e convívio com a natureza, desde as serras e os baixios, até as relações entre fauna e flora. O encantamento é evidente em cada verso elucidado pelo autor, deixamos aqui alguns dos retalhos de sua produção sobre a temática para apreciação dos estudiosos e amantes das tradições populares, na esperança que também encontrem inspirações e alento para continuarem suas pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o preâmbulo desta pesquisa até as linhas que aqui se destacam, averiguou-se a poesia de um autor sertanejo. O princípio educativo é basilar nas composições evidenciadas. O tempo todo, através de sua arte, Leonardo educa os leitores e apreciadores do seu fazer artístico. Em estudo realizado por Barreto (2024), podemos constatar materialmente o que relatamos aqui:

> Pela primeira vez desenvolvemos um trabalho dessa natureza com uma turma de Ensino Fundamental e, embora tenha sido uma experiência inédita para nós e para os alunos, houve benefícios para todos os envolvidos nesse processo – ganho de aprendizados, compartilhamento de saberes, crescimento e amadurecimento enquanto apreciadores da arte poética (Barreto, 2024, p. 149).

Que a poesia de Bastião traz elementos educativos já foi constatado, o embate que travamos é para que a sua poesia chegue de fato nos manuais pedagógicos de sua região, quiçá do estado. Sua poética tem muito a oferecer enquanto recurso paradidático. Já que o autor fala de sua gente e da biodiversidade que o permeia, discentes e professores em contato com sua obra, propagariam e fortaleceriam a história local, bem como perpassariam a salvaguarda dos valores culturais defendidos pelo poeta.

A partir deste estudo e das laudas descritas, asseguramos que não existem analfabetos no mundo da poesia popular. A alfabetização formal nasce frígida e se propaga rigidamente programada nas esferas da razão. Leonardo Pereira Alves caminha célere para aquilo que apregoa a estatística como em perigo de extinção.

A partir desta pesquisa que evidenciou durante três capítulos a vida e obra de Bastião, pontuando o seu fazer artístico, foram observados os meandros da poesia popular, que se atrelam à sensibilidade poética do artista. No primeiro capítulo também ganhou realce a herança de matuto adquirida por Leonardo, um espólio de valores e ensinamentos que agregaram na sua formação artística.

Versamos também sobre o caráter popular de sua poesia, percebendo os distanciamentos bem como as aproximações entre essas esferas. Podemos notar o caráter popular da obra do artista aqui tratado, os temas esmiuçados, a ligação com sua gente, o amor por sua cidade e a apologia por aquilo que acredita, sua arte sempre esteve a serviço do povo como ferramenta de conscientização social.

No terceiro capítulo, foram demarcados os laços com a religiosidade e as sátiras em sua obra, destacamos como a poética de Bastião está conectada com o divino, mas também

como o poeta faz escárnio e ironia a partir de algumas passagens bíblicas. A natureza é um outro elemento que destacamos, pois é intima a relação do artista com esse cenário, Leonardo enxerga a natureza enquanto ser com autonomia.

O célebre cardeal Mazarino (1984, p. 27) pontua que “os verdadeiros artistas não têm ferramentas muito sofisticadas, a não ser que os desculpem sua extrema juventude. Os verdadeiros sábios não passam o tempo em divertimento e a brilhar em sociedade.” Assim é Leonardo Bastião: um poeta sem sofisticação, sem rebuscamento em sua poética, e sem vaidades perante o seu ciclo social. É premente colocarmos o fazer artístico do autor em um pedestal de acesso, ascensão essa não só para os apologistas da arte poética, mas para a comunidade em geral.

Há tanto ainda para ser dito sobre Leonardo Bastião, porém deixo para outro patamar dos degraus acadêmicos. Como uma esfinge que permanece sem ser decifrada, enquanto pesquisador busquei fazer um apanhado da vida e obra do cidadão de Itapetim. Amparar o fazer artístico desse bardo no meio acadêmico é reafirmar a importância da poesia popular, que não pode ser tratada como uma literatura menor, pois tem o seu próprio pedestal; muito nos oferece, e traz inúmeros elementos pedagógicos, afinal a poesia educa.

Deixo aqui para os amantes da cultura popular, os curiosos e a comunidade acadêmica em geral a vida e obra de Bastião associadas aos olhares da historiografia, antropologia, sociologia e outras ciências. A literatura do poeta estudado nos deixa inúmeras reflexões, através dela constatamos que nunca seremos órfãos da esperança; jamais conseguirão decepar nossos espíritos; em hipótese alguma castrarão nossos anseios de mudar o mundo, para que o mesmo seja relevante para todos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Santos. **Leitura subjetiva e poesia popular contemporânea:** a recepção da obra de Leonardo Bastião e Bráulio Bessa por alunos do 9° ano do Ensino Fundamental. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPE, Recife, 2024.

BASTIÃO, Leonardo. **Minha Herança de Matuto**. Itapetim: Halley, 2018.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANCLINI, Néstor García**. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Tradução Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CANCLINI, Néstor García**. Culturas híbridas.** Tradução Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2000.

CANCLINI, Néstor García**. Diferentes, desiguais e desconectados**. Tradução Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. v. 1.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. v. 2.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CORBIN, Alain; MAZUREL, Hervé. **História das sensibilidades**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

COSTA, Marcos. **Itapetim: cidade das pedras soltas**. Recife: BPHM, 2007.

COSTA, Marcos. **Itapetim: cabeça do pajeú**. Recife: BPHM, 1994.

COSTA, Marcos; PASSOS, Saulo. **Itapetim ventre imortal da poesia**. Recife: Ed. do autor, 2013.

FERREIRA, Gilmar. **Corpo e Poesia: para uma educação do sensível**. Curitiba: Appris, 2017.

FERREIRA, Gilmar. **O sertão educa**. Curitiba: Appris, 2018.

FERREIRA, Neto. **Entre o literário e o filosófico: Patativa do Assaré e Leonardo Bastião**. Campina Grande: Nativa edições, 2021.

FERREIRA, Neto. **Leonardo Bastião: Doutor em poesia popular**. Livramento: Editora Meroveu, 2024.

MAZARINO, Cardeal. **Breviário dos políticos**. Tradução Aurélio Lustosa Costa. Brasília. Brasília: Alhambra, 1984.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores com quem cantei**. Campina Grande: Bagagem, 2009.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

LIMA, Marinalva Vilar de: **Loas que Carpem**: A morte na literatura de cordel- João Pessoa editora CCTA, 2020.

MENEZES, Manoel Filomeno. **As curvas do meu caminho**. Petrolina: Editora e gráfica franciscana, 2004.

RABELO, Vasconcelos. **São José do Egito etc., coisa e tal.** São Jose do Egito: Ed. do autor, 2014.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

SHELLEY, Percy Bysshe. **Uma defesa da poesia e outros ensaios**. São Paulo: landmark, 2008.

LIMA, Antônio José de. **Legado Filosófico de Poetas e Repentistas Semianalfabetos**. Recife: Bagaço, 2018.